



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

MATEUS LUIZ BIANCON

**A EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA
E AS TENDÊNCIAS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA
DOS PROFESSORES**

LONDRINA

2005

MATEUS LUIZ BIANCON

**A EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA
E AS TENDÊNCIAS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA
DOS PROFESSORES**

Dissertação apresentada ao Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Orientador: Professor Dr. Álvaro Lorencini Junior

LONDRINA

2005

MATEUS LUIZ BIANCON

A EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA E AS TENDÊNCIAS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS PROFESSORES

Dissertação apresentada ao Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

COMISSÃO ORGANIZADORA

Prof. Dr. Álvaro Lorencini Junior
Universidade Estadual de Londrina

Prof. Dr. Sérgio de Mello Aruda
Universidade Estadual de Londrina

Prof. Dra. Maria Aparecida Vivan de
Carvalho

Londrina, _____ de _____ de 2005.

DEDICATÓRIA

Ao meu pai, Luiz, e a minha mãe, Therezinha, pela presença afetuosa e fortalecedora e pelas inestimáveis lições que me ensinaram ao longo da vida!

AGRADECIMENTOS

A Deus, que sempre esteve comigo nos momentos da minha vida

Ao meu orientador, Professor Dr. Álvaro Lorencini Júnior, que me orientou com muita paciência e sempre com muita dedicação, pelos estímulos e pelas sugestões e discussões que contribuíram para o complemento desta obra, como também para meu amadurecimento acadêmico e profissional

Aos professores que constituíram a banca examinadora – Dr. Sérgio de Mello Arruda e Professora Dra. Maria Aparecida Vivan de Carvalho – pelas grandes contribuições à dissertação

À professora Vera Bahl de Oliveira, que sempre esteve do meu lado nas horas mais difíceis, posicionando-se para me ajudar e que sempre colaborou com artigos

À professora Dra. Mary Neide Damico Figueiró, a qual indicou muitos artigos que colaboraram para a compreensão do trabalho, e que de uma maneira muito carinhosa sempre me recebeu pacientemente

Ao Eduardo, às amigas de curso Maria de Fátima e Andréa, e ao meu amigo George, que muito contribuíram para a concretização deste trabalho

Aos meus amigos Geisa, Célia, Ana, Luiz, Tânia, Meire e Everaldo e a todos os outros que, direta ou indiretamente, sempre torceram pelo meu crescimento pessoal e profissional.

Obrigado não

“Quanto mais proibido
mais faz sentido a contravenção
Legalize o que não é crime
Recrimine a falta de educação

Gravidez versus aborto
quem quer nascer no mar morto
quem quer morrer antes da concepção
Obrigado não

Separe o joio do trigo
O Maquiavel do seu amigo
Casamento gay além de opção
é controle de população

Foi se a ditadura militar
Foices e martelo não vão mais vingar
Servir exército só se for da salvação
Obrigado não

Diga não às drogas
(mas seja educado, diga não obrigado)
Por que whisky sim, por que cannabis não?
Cuidado com polícia
Cuidado com ladrão
Não seja condenado a votar em canastrão
Obrigado não”

(Rita Lee e Roberto de Carvalho)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO 1	
PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS:	
A SEXUALIDADE COMO TEMA TRANSVERSAL	14
1.1 ASPECTOS EDUCACIONAIS DA SEXUALIDADE NA ESCOLA	14
1.2 A BIOLOGIZAÇÃO DA SEXUALIDADE	23
1.3 A IDENTIDADE SEXUAL DO INDIVÍDUO	28
CAPÍTULO 2	
OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA INVESTIGAÇÃO	33
2.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	33
2.2 NATUREZA DA PESQUISA	33
2.3 COLETA DE DADOS: OS INSTRUMENTOS E OS PROCEDIMENTOS.....	34
CAPÍTULO 3	
APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	44
3.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	44
3.2 OS PCNS E A EDUCAÇÃO SEXUAL	45
3.3 O ENFOQUE BIOLÓGICO DA SEXUALIDADE HUMANA	52
3.4 A NATUREZA DAS DIFICULDADES DOS PROFESSORES COM RELAÇÃO À TEMÁTICA DA SEXUALIDADE	63
3.3.1 Dificuldades dos professores para desenvolver os conteúdos sobre sexualidade por despreparo pedagógico.....	64
3.4.2 Dificuldades dos professores para abordar o tema devido à interferência da religião e de outras crenças a respeito da sexualidade humana.....	69
3.4.3 Dificuldades dos professores em desenvolver a temática da sexualidade em sala de aula por receio da reação dos pais dos alunos.	71
3.4.4 Dificuldades dos professores em abordar o tema da sexualidade por receio das reações negativas dos colegas professores e dos alunos e de que as atividades desenvolvidas percam o “status” de aula.	74

3.4.5 Dificuldades dos professores em desenvolver o tema da sexualidade devido à interferência de tabus, preconceitos e pensamento do senso comum.....	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS.....	92

BIANCON, Mateus Luiz. **A Educação Sexual na escola e as tendências da prática pedagógica dos professores**. 2005. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual de Londrina.

RESUMO

O presente estudo é o resultado das investigações acerca das tendências e dificuldades pedagógicas dos professores do 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental, enfatizando os professores de Ciências, em desenvolverem em sala de aula a temática da sexualidade. Através de entrevistas semi-estruturadas audiogravadas, os dados foram obtidos em quatro escolas da rede pública de Ensino Fundamental do município de Londrina-PR. As falas dos professores foram analisadas qualitativamente e categorizadas quanto à natureza das dificuldades. Estas tendem em práticas educativas desenvolvidas com os alunos, nas quais a sexualidade é tratada sob o enfoque de uma 'biologização' da sexualidade. Para os professores, os aspectos biológicos da sexualidade são suficientes para a construção da sexualidade dos alunos. Admitem que as informações de cunho biológico dão conta da conscientização sobre eventuais problemas que os adolescentes enfrentam acerca da sexualidade. Portanto, consideramos que a Formação Inicial e Continuada de professores de Ciências e de outras áreas possui uma lacuna quando se trata do desenvolvimento da referida temática. As tendências e dificuldades identificadas neste estudo servem para balizar os conteúdos de um programa de formação de Educadores Sexuais, em que os assuntos não estejam restritos à biologia do aparelho reprodutor, mas sejam ampliados pelos aspectos sociais, culturais, éticos, filosóficos e outros. Deste modo, são os aspectos socioculturais e psicológicos, em conjunto com a biologia, que dão sentido à sexualidade e capacitam os professores para desenvolverem esta temática em sala de aula.

Palavras-chave: Ensino de Ciências; Educação Sexual; Temas transversais, Sexualidade Humana.

BIANCON, Mateus Luiz. **Sexual education in school and intends of teacher's pedagogical practice**. 2005. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual de Londrina.

ABSTRACT

The present study is the investigation's results about pedagogic difficults, from 5th to 8th grades of the Ensino Fundamental. Science teachers, to develop the sexuality thematic in class. By recorded semi-structured interview, the data was obtained from 4 public schools in Londrina – PR. The teacher's discourse was analised qualitatively and categorized by the difficult's nature content's enabling fault, and pedagogic aspects; religious creed; prejudice and values opinion, fear about other teacher's negative reaction, student's relatives and own students. This difficults involve educative practice developed among the students, where sexuality is aborded exclusivity as a "biolization" of the human reproduce system. To the teacher's the biological sexuality problem the adolescents find. There fare, we considered science teacher's imital formation and it's upgrade has a lacune when ia about the refered thematic. The identified difficults in this study seme to adjust the educator's sexuality formation program contents, where the subjects isn't restricted to reproduce system biology, but amplified by social aspects, cultural, ethics, filosofics et cetera. This way, ins't the sociocultural aspects involved who direct. The sexuality and capacity teachen to develop the sexuality thematic it close, starting from this sociocultural aspects as as homossexuality, masturbation to the student's undertand the human reproduce system.

Key-words: Science Education; Sexuality Education, Transversal Theme; Human Sexuality.

INTRODUÇÃO

Desde a graduação em Ciências Biológicas na Universidade Estadual de Londrina, sentimos um envolvimento muito estreito com a área educacional e nos aproximamos da licenciatura. Durante o curso, tivemos oportunidade de atuar em vários projetos de ensino, desenvolvendo atividades curriculares e extra-curriculares em escolas públicas. O convívio que tivemos com professores nessas ocasiões nos motivou a buscar formas de contribuir para a solução de problemas educacionais.

No meio de tantas experiências positivas que tivemos nas escolas onde estagiamos, localizamos uma demanda educativa dos alunos em relação à temática da sexualidade. Existe uma lacuna na vida dos alunos, no que se refere à reflexão crítica sobre a sexualidade. Ao mesmo tempo, observa-se ainda o despreparo dos professores para tratar do tema; uma vez que eles se sentem inseguros diante da realidade que está cada vez mais exigindo um conhecimento interdisciplinar sobre a sexualidade.

Assim, podemos afirmar que a sexualidade humana figura como um dos temas mais inquietantes e, quase sempre, mais evitados no âmbito da comunidade escolar. Entretanto, a escola é a cada momento convocada a enfrentar as transformações sociais e o impacto dessas mudanças sobre os padrões de comportamento humano, no que tange à sexualidade.

Podemos dizer que educação sexual é *“um caminho para preparar o educando para viver a sexualidade de forma positiva, saudável e feliz e, sobretudo,*

para formá-lo como cidadão consciente, crítico e engajado nas transformações de todas as questões sociais, ligadas direta ou indiretamente à sexualidade” (GOLDBERG, 1988, p.155). Outros autores, como Cunha (1988), Ribeiro (1990), Louro (1999), Melo (2001) e Figueiró (2001), dizem o mesmo e integram um grupo de pesquisadores interessados em fornecer orientações para uma abordagem política e crítica do tema, propondo uma melhor definição dos assuntos relacionados à Educação Sexual.

Outra referência indispensável é Maria José Werebe (1977), uma das principais autoras da área de Educação Sexual no Brasil, cujos textos muito ajudam a pensar sobre a sexualidade na escola. Palavras dela:

... Educação Sexual, tomada num sentido mais amplo, compreende todas as ações, diretas ou indiretas, deliberadas ou não, conscientes ou não, exercidas sobre um indivíduo ao longo do seu desenvolvimento, que lhe permitem situar-se em relação à sexualidade em geral e à sua vida sexual. (WEREBE, 1977, p.78).

Para Egyto (2003, p.14), todos nós passamos por um processo de Educação Sexual, seja na família, mesmo naquela em que nunca se falou nada sobre o assunto, seja na igreja ou na escola, com os professores e toda a comunidade escolar. Para ele, *“a escola, via de regra, nega-se a discutir essa questão por incapacidade ou por dificuldade em lidar com o assunto.”* Podemos considerar que essa negação leva muito mais para uma educação anti-sexual do que para a formação de uma sexualidade saudável.

Pode ser considerada educação anti-sexual aquela que agrega um conjunto de idéias e valores trazidos pelos educandos, vindos do meio onde eles vivem, o que inclui os amigos, a família e outras comunidades de convívio, como a igreja, que não se enquadram dentro do ideal do conhecimento de sexualidade

humana. Isso impede que eles tenham oportunidade de conhecer todos os aspectos que envolvem a sexualidade, sejam biológicos, psicológicos e sociais, e faz com que se tornem pessoas preconceituosas, carregadas de tabus e resistentes a novas informações.

É para alterar esse panorama que muitos educadores, conscientes da importância do seu papel como agentes sociais no processo de aprendizado dos alunos, têm se envolvido cada vez mais com o tema.

Para Machado (1994, p.15), *o ideal seria que todos nós recebêssemos uma educação sexual livre de preconceitos, mais verdadeira, de modo que os nossos relacionamentos fossem mais abertos e comunicativos e que a vida adquirisse mais gosto e sentido.* Os professores podem realizar essa tarefa, pois, segundo Triviños (1987), é papel deles contribuir e realizar através da ação um processo de transformação da realidade na qual estão inseridos.

Essa possibilidade é reafirmada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (2000):

O professor transmite valores com relação à sexualidade no seu trabalho cotidiano, na forma de responder ou não às questões mais simples trazidas pelos alunos. É necessário que o educador tenha acesso à formação específica para tratar de sexualidade com crianças e jovens na escola, possibilitando a construção de uma postura profissional e consciente no trato desse tema. O professor deve entrar em contato com questões teóricas, leituras e discussões sobre as temáticas específicas de sexualidade e suas diferentes abordagens; preparar-se para a intervenção prática junto aos alunos e ter acesso a um espaço grupal de supervisão dessa prática, o qual deve ocorrer de forma continuada e sistemática, constituindo, portanto, um espaço de reflexão sobre valores e preconceitos dos próprios educadores envolvidos no trabalho de Orientação Sexual (BRASIL, 2000, p.123).

Diante do exposto, decidimos investigar se os professores das escolas estaduais da rede pública da região central de Londrina-PR se sentem preparados e capacitados para atuar como educadores sexuais na escola. O enfoque da pesquisa está voltado para o professor, com a determinação de verificar as dificuldades encontradas por estes, os desafios pedagógicos quanto à temática da sexualidade, tanto oriundos da comunidade escolar, que é o meio externo, quanto dos aspectos pessoais, psicológicos, que é o seu mundo interno.

O texto apresenta-se em três capítulos. No Capítulo 1, abordamos a sexualidade como um tema de demanda social inserido de modo transversal nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), apontando as possibilidades de desenvolvimento da Educação Sexual na perspectiva de uma “sexualidade educada”.

O Capítulo 2 trata dos objetivos e procedimentos metodológicos que orientaram o presente estudo, com uma abordagem qualitativa, em que o processo do qual emergiram os dados é mais significativo que os resultados obtidos.

No Capítulo 3, apresentamos os dados obtidos, a análise e a discussão dos resultados. As falas dos professores foram balizadas e interpretadas com base nos seguintes unidades de análise: a influência do PCNs na postura pedagógica do professor no que se refere à Educação Sexual; a ênfase predominante dos aspectos biológicos no desenvolvimento da temática da sexualidade na sala de aula; e as resistências dos professores para promover reflexões entre os alunos acerca da sexualidade humana.

Nas considerações finais, apontamos as tendências e as dificuldades dos professores no desenvolvimento da temática da sexualidade na escola e os possíveis desdobramentos na perspectiva de suprir evidentes lacunas deixadas pelo presente estudo.

CAPÍTULO 1

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: A SEXUALIDADE COMO TEMA TRANSVERSAL

1.1 ASPECTOS EDUCACIONAIS DA SEXUALIDADE NA ESCOLA

Em pesquisa divulgada pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação), o Brasil aparece no 37º lugar em qualidade da educação entre 43 países investigados. Nossos estudantes têm dificuldades em utilizar os instrumentos de leitura para aumentar seus conhecimentos e competências (BUENO, 2004). Recentemente, ficamos em último lugar nas provas de leitura, Matemática e Ciências do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA), que avaliou alunos de 15 anos de 32 países (28 desenvolvidos e quatro em desenvolvimento). Os resultados do ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio – são decepcionantes: tem havido redução na média das notas, tanto nas provas objetivas quanto na redação.

O Instituto Paulo Montenegro constatou em pesquisa o grau elevado de analfabetismo funcional no país. Além dos quase 10% de analfabetos oficiais, outros 65% de nossa população, embora saibam assinar o nome, têm grande dificuldade para entender o que lêem (BUENO, 2004).

De acordo com Inácio (2003), as dificuldades da educação brasileira estão relacionadas com os baixos investimentos feitos na área educacional. O autor

informa que, na década de 1960, um professor ganhava salário igual ao de um juiz, mas hoje ganha apenas 10% dos proventos dos magistrados. Esse dado é suficiente para mostrar a grave crise que vive a educação brasileira.

Para reverter o quadro, é necessário aumentar os investimentos em educação, melhorar o salário e investir na capacitação dos professores, equipar as escolas públicas com computadores, laboratórios, bibliotecas etc. e fazer o adequado gerenciamento dos recursos, evitando desperdícios.

Na busca por melhorias para a qualidade dos currículos escolares, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) foram elaborados com base em estudos da Fundação Carlos Chagas sobre propostas curriculares bem sucedidas, implantadas nos estados e municípios brasileiros, além de experiências curriculares de outros países. Também foi analisado o Plano Decenal de Educação e colhidos dados sobre os alunos do Ensino Fundamental. Os PCNs trazem sugestões, objetivos, conteúdos e fundamentação teórica dentro de cada área, com o intuito de subsidiar o trabalho docente. Optou-se por um tratamento específico das áreas, contemplando também a integração entre elas. Incorporaram-se às áreas questões sociais relevantes, como a necessidade de sua problematização e análise por parte da comunidade escolar, sendo a Ética, Saúde, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural, Trabalho e Consumo e Orientação Sexual, tratados como temas transversais.

Os documentos apresentados são resultado de longo trabalho que contou com a participação de muitos educadores brasileiros, tendo a marca de sua experiência e de seus estudos, e foram produzidos no contexto das discussões pedagógicas atuais. Inicialmente, foram preparadas versões preliminares dos documentos, para serem analisadas e debatidas por professores dos diferentes

graus de ensino, por especialistas da educação e de outras áreas, além de instituições governamentais e não-governamentais.

A intenção dos PCNs é propiciar aos sistemas de ensino, particularmente aos professores, subsídios à elaboração e/ou reelaboração do currículo, visando à construção do projeto pedagógico, levando em conta a cidadania do aluno. Os Parâmetros Curriculares de 5ª a 8ª séries buscam principalmente respeitar as diversidades regionais e culturais do País e levam em consideração a necessidade de construir referências nacionais, comuns ao processo educativo em todas as regiões brasileiras. Com isso, pretende-se criar condições, nas escolas, para que os nossos jovens tenham acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania. Entre esses conhecimentos, podemos considerar a sexualidade humana como uma temática que contribui em seus múltiplos aspectos para o aperfeiçoamento da cidadania.

Desenvolver o tema da sexualidade significa tratá-lo nas suas diferentes dimensões: biológica, psicológica, sociocultural, filosófica, histórica, ética, entre outras. Qualquer que seja a abordagem, ao tratar da temática da sexualidade, deve-se considerar as múltiplas formas de prazer e satisfação (FIGUEIRÓ, 2001). Assim, os aspectos relacionados com os sentimentos, emoções e afetos fundamentais no desenvolvimento e na vida do ser humano devem ser levados em conta, independente do enfoque com que o assunto é abordado.

Por se tratar de um tema associado aos valores da sociedade, que são trabalhados pela escola, encontramos entre os especialistas várias discussões em torno do desenvolvimento dos trabalhos escolares sobre a sexualidade. A

sexualidade está presente na vida humana como algo em permanente construção; portanto, a Educação Sexual acontece constantemente, de forma intencional ou não.

Desde a Lei 5.692/71, a educação é proposta como um processo global que visa à formação integral do educando, devendo incluir, portanto, a Educação Sexual como parte de um processo intencional, mesmo que os valores sociais, éticos e políticos relacionados com a sexualidade estejam presentes nas relações interpessoais de forma não intencional.

Os recentes documentos oficiais que regulamentam a educação nacional, como a nova LDB/96 e os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, consideram a sexualidade humana como um tema de suma importância para a formação dos alunos como cidadãos.

Os PCNs propiciam subsídios aos sistemas de ensino e aos professores para a elaboração do currículo escolar, visando à construção do projeto pedagógico em relação à cidadania do aluno. Assim, temas de grande demanda social foram inseridos nos PCNs para serem abordados transversalmente no currículo, como é o caso da sexualidade humana, sob o tema Orientação Sexual. Para Hernández (1998, p. 45), há uma *“crescente aproximação transdisciplinar no momento de organizar grupos e projetos de pesquisa entre os professores na escola”*. Dessa forma, os PCNs (2001) têm o objetivo de se incorporar nas áreas já existentes e no trabalho educativo da escola, propondo uma educação comprometida com a cidadania, baseada nos princípios constitucionais que orientam o processo ensino-aprendizagem:

- * Dignidade da pessoa humana;

- * Igualdade de direitos;
- * Participação ativa para a cidadania;
- * Co-responsabilidade pela vida social.

À luz desta discussão, a ética elabora uma reflexão sobre a liberdade de escolha. A sexualidade, portanto, discutida no sentido ético da convivência humana nas suas relações com várias dimensões sociais, propiciaria ao aluno, cidadão em formação, um melhor equilíbrio entre o mundo interior, com seus desejos e vontades, e o mundo exterior, nas diversas relações sociais que acompanham o indivíduo durante toda a vida. Podemos considerar que a sexualidade, por se tratar também de uma temática social, é um processo que resulta da vivência intensa do indivíduo inserido em um contexto sociocultural influenciado pela mídia, família, religião, escola, entre outros fatores. (BRASIL, 2001)

Os critérios adotados para que a sexualidade seja inserida entre os temas transversais são vários, e entre eles encontramos alguns que justificam a sua inserção:

- * Urgência social;
- * Abrangência nacional;
- * Possibilidade de ensino e aprendizagem na educação fundamental;
- * Favorecimento da compreensão da realidade e a participação social.

Podemos considerar que os dois primeiros critérios já dão conta da importância da Educação Sexual na formação de cidadãos. Por eles, a “Orientação

Sexual” é uma das áreas da educação que demanda uma necessidade de implementar reflexões sobre o tema em sala de aula.

Já há algum tempo, a Educação Sexual chegou às escolas no Brasil, ainda que, de início, dentro de uma visão médico-biologista da sexualidade e normativa institucional, o que revela uma significativa resistência em considerar e acolher a Educação Sexual como parte da educação global do indivíduo. Segundo Ribeiro (2003), as primeiras experiências de Educação Sexual em escolas datam da década de 1960, principalmente na cidade de São Paulo (SP). Foram experiências que obtiveram êxito e estavam impulsionando o surgimento de outras iniciativas, quando surgiu a repressão militar, especialmente no período de 1968 a 1976.

Guirado (1997, p.35), antes de tudo, esclarece o que considera como o objeto da instituição-escola:

A aprendizagem de conhecimentos, por meio de constituições de esquemas de pensamentos que dêem conta das possibilidades de aprender, bem como do desenvolvimento de uma atitude diante do conhecimento.

Portanto, incluir Educação Sexual na escola é importante, pois a sexualidade é irreversivelmente constitutiva do humano, onipresente e nem sempre onisciente, e, no entanto, ela vai permear as ações cotidianas de professores e alunos.

Na década de 1970, a abertura da política possibilitou o reaparecimento da Educação Sexual, articulada aos movimentos feministas, ao controle populacional, ao uso dos anticoncepcionais e ao controle das doenças sexualmente transmissíveis. Nos anos 80, muitas escolas, motivadas pela gravidez indesejada, pelas DST (Doenças Sexualmente Transmissíveis) e pela AIDS, passaram a implementar a Educação Sexual nas disciplinas de Ciências e Biologia,

por meio da abordagem dos conteúdos relativos à reprodução humana (GUIMARÃES, 1995; SAYÃO, 1997; RIBEIRO e SOUZA, 2003). A partir dessa época, foi “a AIDS, a grande motivadora da educação sexual em destaque nas escolas”, segundo Bonato (1999, p.19).

Abro parênteses para esclarecer que, neste trabalho, preferimos utilizar a expressão Educação Sexual, e não Orientação Sexual, como referem os Parâmetros Curriculares Nacionais, acompanhando muitos estudiosos que entendem ser a expressão Orientação Sexual mais apropriada para definir a direção do desejo do indivíduo – homossexual, heterossexual ou bissexual (SUPLICY, 1993 e 1998, FIGUEIRÓ, 1996). Educação Sexual está mais afinada com os objetivos educacionais. Existem, no entanto, autores que são contra o uso da expressão Educação Sexual no sentido que adotamos, pois acham que educação, quando se refere à sexualidade, é de responsabilidade da família, e não da escola; “educar”, para esses autores, não é função da escola, mas somente “orientar” (PINTO, 1999).

A sexualidade humana deve ser compreendida pelos alunos nas suas dimensões biológica, psicológica, cultural e social, e é preciso preocupar-se com a forma (aspectos cognitivos) como essas dimensões são apreendidas significativamente pelos alunos. Podemos considerar que os conhecimentos sobre a sexualidade “são *construídos por indivíduos que se engajam socialmente em conversas e atividades sobre tarefas ou problemas em comum*” (DRIVER, 2004, p. 5). Assim sendo, os alunos constróem suas próprias concepções sobre a sexualidade humana com base não somente na educação que receberam dos pais, da família e do grupo social e da mídia, mas sim apreciam o conhecimento e a compreensão científica da sexualidade, podendo tirar suas próprias conclusões.

Tirar conclusões é *“um processo dialógico (relativo ao diálogo) entre as pessoas presentes na conversa, e aprender é visto como a maneira pela qual indivíduos são introduzidos à cultura pelos membros mais capacitados.”* (DRIVER, 2004, p. 5).

Acreditamos que a Educação Sexual, ao lado de outros temas propostos nos Parâmetros Curriculares Nacionais, ajude na formação da cidadania, que é uma das principais preocupações da escola. As intervenções pedagógicas da Educação Sexual na escola podem favorecer a reflexão sobre a própria sexualidade, desenvolvendo os temas polêmicos e favorecendo ampla liberdade de expressão em ambiente agasalhador, vindo promover bem-estar sexual e aperfeiçoando a cidadania.

Quem pretende se envolver com um projeto de Educação Sexual deve estar prevenido de que a dimensão da formação nesse trabalho é:

[...] complexa e multi-referencial, pois há que se envolver com a história e com as implicações socioculturais e políticas da sexualidade, com as questões de gênero na construção do masculino e feminino, com a compreensão do desenvolvimento da criança, do adolescente e do adulto, enquanto construção da base dos afetos e da rede dos relacionamentos e, por fim, compreender as muitas possibilidades de interligação entre sexualidade, prazer e aprendizagem (SILVA, 2002, p. 01).

Num trabalho de Educação Sexual na escola, deve haver um envolvimento de toda a comunidade escolar, possibilitando espaço para que ocorra uma atividade interdisciplinar de planejamento em conjunto. Na verdade, o que se poderia exigir é um acompanhamento e um envolvimento de toda a comunidade escolar. Deve haver também um acompanhamento das políticas públicas envolvidas e seria melhor ainda se conseguíssemos uma expansão do programa para além da sala de aula.

Sabemos que as escolas possuem clientelas muito diversificadas. Isso aumenta a responsabilidade do professor, que precisa dar conta desta heterogeneidade dentro da sala de aula. Um dos problemas para o desenvolvimento de um projeto de Educação Sexual na escola, e que sempre gera discussão, é a falta de consenso sobre as formas de atuação em virtude da complexidade do assunto e por falta de capacitação e preparo de pessoal.

É certo que a sexualidade humana ainda se encontra para os alunos e para alguns professores numa perspectiva em que as idéias estão soldadas apenas por meio do senso comum. E esse senso comum, utilizado para explicar fenômenos, representa o conhecimento do mundo retratado dentro de uma cultura cotidiana. Difere do conhecimento da comunidade científica em vários pontos. Obviamente, conhecimento popular e ciência diferem nas entidades ontológicas que contêm; as entidades tidas como verdadeiras na vida cotidiana diferem daquelas da comunidade científica.

A forte influência dos meios de comunicação social interfere, de maneira geral, na ação educativa realizada pela escola. Na maioria dos casos, esses meios fornecem uma Educação “anti-sexual” aos alunos, que chegam às escolas com uma visão de várias formas deturpada em relação ao assunto da sexualidade (BARROSO, 1982, p.42).

Apesar de o raciocínio cotidiano ser caracterizado pelo pragmatismo, a sexualidade gera muitos distintos pensamentos pessoais, pois cada indivíduo traz a sua bagagem de experiências, que o diferencia dos outros indivíduos.

Mesmo assim, muitos professores acreditam que existem dificuldades muito grandes em lidar com isso. Segundo eles, vários fatores contribuem para que não ocorra um trabalho de Educação Sexual nas escolas;

fatores com origem na própria escola e também externos, e outros em relação a aspectos pessoais do próprio professor e da comunidade escolar.

Ainda assim, a Educação Sexual vem sendo reconhecida, pela maioria dos professores, como necessária no processo formativo dos alunos. O incentivo à participação dos alunos em discussões sobre temas da sexualidade em sala de aula e os trabalhos em grupos envolvem dimensões importantes na formação geral dos estudantes, tais como o aprendizado de uma convivência cooperativa com os colegas, o respeito às diferentes formas de pensar, o cuidado na avaliação de uma afirmação, a autoconfiança para a defesa de um ponto de vista e o respeito ao próximo.

1.2 A BIOLOGIZAÇÃO DA SEXUALIDADE

As atividades de conhecimento da Educação Sexual são essenciais para que os alunos tenham a oportunidade de conhecer o seu próprio corpo, os seus sentimentos, a realidade cultural e as diferenças entre os gêneros, nas quais as dimensões humana, mental e ambiental estejam em harmonia. Consideramos a sexualidade humana uma expressão que envolve fatores biológicos, psicológicos, culturais e sociais, tendo assim um significado de prazer e não se restringindo apenas aos aspectos reprodutivos.

Ribeiro (2003, p. 9) dá destaque aos aspectos biológicos, psicológicos e sociais envolvidos na sexualidade:

A abordagem biológica nos diz que temos um corpo físico, que sentimos, que vemos e que somos vistos. A abordagem psicológica nos remete a nossa mente, ao nosso psiquismo, às nossas emoções mais primárias, aos nossos afetos, aos nossos desejos, às nossas fantasias, aos nossos sonhos. O mundo social é o mundo que nos rodeia, povoado de outros seres, inseridos na natureza ou naquilo em que o homem o transformou, as cidades.

A escola está dotada de uma tradição iluminista fundamentada na idéia de que o conhecimento científico tem um potencial alforriador, que liberta. Para Souza (1997, p.20), *“a psicanálise foi, em parte, responsável pelo fato de se alçar, na escola, o tabu sobre o sexo e o de se encaminhar à criança a verdade das informações de sexualidade, visto do seu direito.”* Entretanto, a informação sobre sexo destinada à criança, por meio dos manuais de Educação Sexual que já andam pelas escolas, apóiam-se na fisiologia do aparelho genital, de tal forma que notamos que estes livros explicam tudo, menos os prazeres e as angústias do exercício da sexualidade.

Foucault (1976) afirma que o início da discussão sobre a sexualidade na escola esteve voltado para uma forma de saber desenvolvida graças à nascente fisiologia da reprodução e ao saber médico. Isso significa que a progressiva apropriação da sexualidade e de sua normatividade estava apoiada no discurso científico. O sexo visava à reprodução. Assim, se a sexualidade tivesse por objetivo a reprodução, seria normal sua manifestação enquanto o aparelho reprodutivo estivesse funcionando. Logicamente, seria anormal a sexualidade infantil e na velhice, a atração do indivíduo por outro do mesmo sexo e o exercício da sexualidade solitária.

A inserção da sexualidade na escola se deu de uma forma repressiva, num discurso puramente reprodutivo, em que as idéias eram encaminhadas num sentido de se informar de forma imposta. A influência da

psicanálise está no fato de esta questionar a repressão sexual sobre a criança e a sua relação com a educação.

É o que podemos observar nitidamente nestes comentários de Souza (1997, p. 21):

[...] sobretudo na década de 60, uma série de livros e publicações de inspiração psicanalítica diziam que a repressão devia ser combatida. Denunciavam não só os castigos, as humilhações, que estavam relacionados à manifestação da sexualidade na escola, mas também a violência contida na educação quando ela procura proibir alguma coisa à criança antes dela entender o porquê.

Apesar da aparente facilidade com que as idéias de Freud parecem ser atualmente aceitas, os meios de comunicação que tratam pedagogicamente da sexualidade analisam o sexo somente por uma dimensão biológica, mas não mais ligado à reprodução, e sim à paradoxal e desgostosa obrigação à saúde e ao prazer (SOUZA, 1997, p. 20).

É o que ocorre com as aulas de Ciências, nas quais o tema da sexualidade é tratado em volta das doenças sexualmente transmissíveis, como a AIDS, e dos perigos do sexo na adolescência, devido ao risco de gravidez.

Ribeiro (2003, p.67) escreve que: “os professores, ao narrar suas práticas escolares, destacaram o predomínio do discurso biológico como estratégia pedagógica para ‘ensinar’ sobre a sexualidade nas suas salas de aulas.” O que se evidencia, portanto, é que tanto os professores quanto os materiais pedagógicos, como manuais, livros, *folders*, *posters* etc. que são responsáveis pela Educação Sexual na escola, analisam a questão sexual no âmbito estritamente biológico, ou melhor, numa abordagem anato-morfo-fisiológica e de saúde sexual.

O discurso biológico oferece segurança para informar a criança, diferentemente das outras abordagens de características psicológicas e sociais. Para trabalhar esses aspectos da sexualidade, o professor deve ter um conhecimento mais aprofundado das questões da sexualidade humana como no

todo, de forma a poder tecer uma rede de conhecimentos que fundamentam este nos momentos de reflexão durante o desenvolvimento de suas aulas.

Quando se reduz o sexo a seus aspectos puramente biológicos, é uma forma de educação anti-sexual. Assim, transmitem-se somente as informações sobre fisiologia e anatomia com o objetivo de evitar doenças venéreas, aborto, gravidez e outros aspectos. Isso significa que qualquer trabalho de educação sexual não pode limitar-se puramente aos aspectos biológicos, pois dessa forma não se estabelecem condições para uma reflexão sobre a sexualidade humana, e sim somente sobre os órgãos reprodutores (sua anatomia, fisiologia, morfologia) e as DST e métodos contraceptivos. Podemos, assim, dizer que o professor que tem essa visão biológica da sexualidade merece o rótulo de educador anti-sexual, mesmo que os conhecimentos biológicos sejam úteis e necessários, porque reduz o sexo aos aspectos biológicos e desconhece aquilo que tem de valioso, seu significado, sua importância nas complexas relações humanas que são históricas e sociais (BARROSO, 1982, p.38).

Esse fato nos leva a crer que os manuais, os programas sobre a sexualidade que orientam as atividades escolares são elaborados por especialistas da área biológica, o que reduz a uma compreensão estritamente do domínio biológico.

Nas práticas escolares, o discurso biológico tem ocupado um espaço privilegiado em relação a outros, visto que em muitos programas de educação sexual, manuais, livros, guias de educação sexual, como também no Tema Transversal (PCN), a sexualidade está prioritariamente vinculada ao conhecimento anátomo-fisiológico dos sistemas reprodutores, ao uso dos métodos anticoncepcionais, aos mecanismos e à prevenção das doenças sexualmente transmissíveis e da AIDS (RIBEIRO, 2003, p. 69).

Nesse mesmo artigo, o autor quer demonstrar a realidade segundo a qual os artefatos e estratégias do ensino da sexualidade na escola têm como função, entre outras, controlar o comportamento dos indivíduos. Quando o professor discute a problemática das DST(s) de um modo amedrontador, tentando buscar a transformação da realidade sem antes haver qualquer discussão de toda a constituição e formação da sexualidade humana dentro dos campos da biologia, psicologia e sociologia, dificilmente levará ao aluno os subsídios necessários a uma reflexão que reforce sua formação sexual.

Se entendermos que a função da escola é construir individualidades, identidades, cidadãos com direito ao saber, e que é de uma maneira indireta que se dará sua contribuição à educação sexual juvenil, uma enorme transformação precisa ser realizada em seu interior, pois a observação do cotidiano escolar ainda é tão hostil às manifestações da individualidade quanto às da sexualidade.

A educação sexual, como um processo social no âmbito escolar, poderá ser considerada como um processo de transformação e mudança, que parte de um projeto coletivo e atinge os indivíduos, cada qual com a sua busca particular do(s) sentido(s) da sexualidade (LORENCINI JR, 1997, p. 95).

O termo sexualidade é aqui usado como sendo o conjunto de fenômenos da vida sexual do indivíduo. Nesse sentido, a sexualidade é o aspecto central de nossa personalidade, por meio da qual nos relacionamos com os outros, conseguimos amar, ter prazer e procriar. A curiosidade sobre a sexualidade e os sentimentos que ela desperta sempre estiveram presentes na história da humanidade. Várias obras de arte da Antigüidade, ou mesmo desenhos pré-históricos, retratam o corpo humano com ênfase nos órgãos genitais.

A sexualidade humana é qualitativamente diversa da sexualidade [sexo?] animal, nela estão atribuídos valores da comunidade humana, da história social, da economia, da cultura, e até da espiritualidade conquistada na lenta construção da identidade do homem realizada pelo ser humano na sua trajetória histórica (NUNES, 1987, p.79).

A sexualidade humana enche e preenche toda a vida do ser humano, participando de tudo o que ele sente e realiza. De acordo com Saudemax (2005), a *“saúde sexual é um equilíbrio complicado, produto da educação apropriada e do normal desenvolvimento físico, psicológico e social da pessoa”*.

1.3 A IDENTIDADE SEXUAL DO INDIVÍDUO

Para Pamplona (1994), a identidade sexual pode ser dividida em três aspectos: identidade genital, identidade de gênero e orientação afetivo-sexual. A identidade genital é aquela que podemos constatar no nascimento, a presença da genitália masculina ou feminina identifica o menino ou menina. Entretanto, do ponto de vista biológico, a definição do sexo, além das características genitais, pode ser dada por meio cromossômico e gonodal.

O sexo cromossômico é a identificação do sexo pelos pares de cromossomos XX ou XY. A mulher produz o gameta feminino (óvulo), que oferece sempre o cromossomo X. O homem produz o gameta masculino, o qual pode contribuir com o cromossomo X ou com o cromossomo Y. Na fecundação, ocorrerá a junção dos gametas, combinando os cromossomos XX (do sexo feminino) ou XY (do sexo masculino).

No terceiro mês de gravidez, os hormônios sexuais, produzidos pelos testículos no embrião masculino ou pelos ovários no embrião feminino, estabelecem uma complexa combinação de substâncias químicas que são responsáveis pelo desenvolvimento dos demais órgãos genitais internos ou externos, femininos ou masculinos. Nesse período, temos a formação do sexo gonodal.

Entre o terceiro e o quarto mês de gestação, forma-se a genitália externa: o tubérculo, que são duas faixas de pele e uma pequena protuberância de cada lado, no bebê, quando menina, continua pequeno e se transforma no clitóris.

Se for menino, o mesmo material cresce e dá origem ao pênis, levando à formação do sexo genital.

Até agora, o que podemos observar é que a identidade genital é de caráter estritamente biológico. Assim, quando esse caminho é percorrido normalmente, temos a identidade genital, *“que, juntamente com outros fatores igualmente importantes, como a atitudes dos pais, a educação e o meio social, vão influir na formação de nossa identidade sexual”* (PAMPLONA, 1994, p.8).

Para o pesquisador Stoller (1993), o termo identidade de gênero refere-se às sensações internas e a fatores biológicos e sociais, devido aos quais o indivíduo, após o nascimento, pode estar predisposto a manifestar certos padrões de comportamento, característicos de homem ou mulher. Incidem aí influências biológicas, que se iniciam com a formação da identidade genital e podem prosseguir, após o nascimento, com influências de origem hormonal, vindas do hipotálamo.

Comenta Pamplona (1994, p.12) que *“o desenvolvimento completo dessa consciência na criança só se dará a partir de inúmeros outros fatores, como o tratamento recebido da mãe, ou de quem estiver em seu lugar, da família e da sociedade em geral”*. Para esse autor, a identidade de gênero só se evidenciará por completo com o surgimento dos caracteres sexuais secundários, na fase da adolescência.

A família é uma referência importante e fundamental para a formação da identidade de gênero:

Por volta dos dois anos e meio, a criança já possui uma identidade genital. Ela sabe que tem bolsa e saco escrotal, ou vulva, vagina e clitóris. Sentem-se menina ou menino. Sua identidade de gênero está selada e será imutável por toda a vida. E independente do sexo biológico, é possível até a idade dos 2 anos e meio educar alguém para se sentir homem ou mulher, independente do sexo. Assim, quando falamos em identidade de gênero, nos referimos às sensações internas, que estão dentro de cada um de nós. Essas sensações podem vir para fora ou não. Sentimos pertencer ao gênero feminino ou masculino, que somos mulheres ou homens. (PAMPLONA, 1994, p.22- 23).

Já orientação afetivo-sexual é a expressão utilizada para referir ao relacionamento sexual vivenciado pelo indivíduo, se é com o sexo oposto ou com pessoas do mesmo sexo. Está vinculada aos sentimentos (desejo, prazer sexual, sensações do orgasmo, as fantasias sexuais, os sonhos eróticos, o amor e a paixão) que existem dentro da pessoa em relação às outras.

Definimos orientação afetivo-sexual como a sensação interna de que temos a capacidade para nos relacionarmos amorosa ou sexualmente com alguém. Ela é parte da identidade sexual, algo que pertence ao mundo interno, ou ao psicológico. Não se trata da sensação interna de que pertencemos ao gênero masculino ou feminino e nem mesmo se esse comportamento, nas diversas atividades da vida, é masculino ou feminino. Estamos falando de uma questão tão específica quanto importante, que é a capacidade de escolher a pessoa que vamos amar ou com quem teremos um relacionamento sexual.

Consideramos que as origens da orientação afetivo-sexual no ser humano seriam fruto de uma gama de fatores que podem ser de ordem orgânica (neurológica ou genética), psicológica, e social, ainda não totalmente compreendidas e variando de pessoa para pessoa (PAMPLONA, 1994, p.33- 34).

Além de todas essas interações entre a fisiologia do indivíduo e a psicologia do sujeito, temos ainda o papel do indivíduo na sociedade e, da mesma forma, a influência da sociedade e da cultura sobre a sexualidade do indivíduo em contínua formação.

O papel é a forma de funcionamento que o indivíduo assume num momento específico, ou quando reage a uma situação específica, na qual outras pessoas ou objetos estão envolvidos (MORENO, 1984, p.56).

O papel de gênero nada mais é do que o nosso comportamento frente às demais pessoas e à sociedade como um todo. Nesse caso, temos uma maneira de ser, que pode ser masculina ou feminina.

Assim, podemos afirmar que, na infância, os fatores biológicos, psicológicos e sociais, elementos básicos que vão formar a sexualidade, se desenvolvem simultaneamente e de forma interligada, reforçando os elementos que compõem a sexualidade humana na sua esfera biopsicossocial. Do ponto de vista da aprendizagem, o ensino da sexualidade humana deve, portanto, conter o discurso biológico, como também o discurso psicológico e o discurso social. Isso significa que a expressão da sexualidade, conforme estamos considerando, deve corresponder aos aspectos: (1) biológicos, que envolvem o sexo da criança, podendo ser menino ou menina, nas suas vertentes manifestações cromossômica, gonadal, genital interno e genital externo e caracteres sexuais secundários; (2) psicológicos, expressos na identidade sexual (identidade genital, identidade de gênero e a orientação afetivo-sexual); e (3) aspectos sociais, vinculados aos papéis sociais de gênero e papel afetivo- sexual.

É de suma importância estudar as DST(s), os métodos contraceptivos e os temas relacionados à sexualidade como as suas diferentes formas de expressão, e outros temas polêmicos de envolvimento cultural, como a masturbação, gravidez na adolescência e aborto, mas tudo isso só terá sentido se compreendermos a questão maior da sexualidade humana, os seus componentes indissociáveis de dimensão biológica, psicológica e social.

É por isso que não somente os professores de Ciências (que geralmente têm Licenciatura em Ciências Biológicas) são responsáveis pelo ensino

da Educação Sexual, e sim todos os professores de todas as disciplinas devem se engajar num projeto de Educação Sexual a realizar dentro da comunidade escolar.

Essas são fortes razões para justificar o envolvimento de todos os professores, das diversas áreas, com o tema da sexualidade, para que não ocorra uma abordagem restritamente biológica na Educação Sexual dos alunos na escola. E isso deve incentivar os professores de diversas áreas a se envolver com um projeto com essa temática na escola, para que toda a comunidade escolar compreenda que a sexualidade não é restrita somente aos aspectos biológicos.

CAPÍTULO 2

OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA INVESTIGAÇÃO

2.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste capítulo apresentamos a metodologia adotada na pesquisa, incluindo informações sobre sua natureza, instrumentos e procedimentos para a coleta de dados, bem como traçamos o perfil do público (professores) pesquisado.

2.2 NATUREZA DA PESQUISA

Como o presente estudo tem caráter qualitativo, é necessário fazer uma descrição criteriosa do contexto em que foi realizado, para justificar as interpretações das ações que, neste tipo de pesquisa, estão muito mais voltadas para o processo no qual os resultados foram obtidos do que para seu próprio produto.

Neste tipo de pesquisa, o investigador, à luz de seu desempenho, passa a perceber, identificar e compreender os dados a medida em que os contempla, procurando indícios não somente no que é evidente e fundamental, mas,

acima de tudo, esmiuçando os detalhes, os pormenores, e detendo-se nas manifestações mais sutis das ações.

Esse não é um trabalho trivial e tampouco rápido, exigindo mais do que uma orientação teórica. São necessárias paciência, uma boa dose de intuição e, sobretudo, muita lógica para interpretar os dados, relacioná-los e reagrupá-los, até obter significações que possibilitem o diálogo com os referenciais teóricos analisados.

2.3 COLETA DE DADOS: OS INSTRUMENTOS E OS PROCEDIMENTOS

Para descrever um contexto educacional e interpretar os significados das ações dos participantes envolvidos, o pesquisador deve, ao escolher os procedimentos metodológicos, selecionar aqueles significados que permitam identificar os elementos presentes, possíveis de serem registrados, nas ações desenvolvidas pelos professores no cotidiano escolar.

Com esse fim, demos início ao trabalho fazendo contato com a direção de uma escola da rede pública estadual localizada na região central do município de Londrina (PR), a quem apresentamos nossos objetivos e propostas. Manifestamos a necessidade da autorização da direção para envolvermos os professores nas discussões sobre a inserção dos conteúdos relacionados à Educação Sexual no currículo escolar. Para obter o consentimento da equipe

pedagógica e da direção da escola, tivemos que fazer uma longa exposição acerca do processo a ser utilizado para coleta e registro dos dados.

Com a autorização da direção, elaboramos uma carta aos professores explicando os objetivos do nosso estudo e convidando-os a participar do trabalho. Pedimos ainda que os professores assinassem um termo de compromisso autorizando o uso dos registros das suas falas gravadas em fita cassete durante os nossos encontros e lhes demos a garantia de que o conteúdo das entrevistas serviria apenas para a análise e discussão do presente estudo, não sendo identificados os autores das respectivas falas.

Para constituir a nossa amostra de investigação, selecionamos 15 professores da referida escola, de diferentes disciplinas do Ensino Fundamental (Ciências, Geografia, História, Português, Matemática, Língua Estrangeira, Educação Artística e Educação Física), os quais foram convidados tanto para as reuniões de grupo como para as entrevistas individuais. Essas entrevistas foram realizadas com auxílio de um roteiro com questões semi-estruturadas. Procuramos inicialmente focar questões relacionadas com suas idéias e concepções sobre a inserção como tema transversal da Educação Sexual no Ensino Fundamental. Foram feitas gravações tanto das reuniões como das entrevistas individuais.

Participaram das reuniões, realizadas semanalmente de março a maio de 2003, além dos professores, a equipe pedagógica composta por dois coordenadores e dois diretores que constituíram, assim, o grupo de estudos de Educação Sexual na escola.

Tivemos uma participação mais efetiva, inicialmente, da coordenadora da equipe pedagógica da escola, que se mostrou muito empolgada com a realização dos trabalhos; entretanto, verificamos que essa empolgação foi diminuindo até o ponto em que toda a equipe pedagógica deixou de comparecer aos encontros.

Verificamos, por um lado, que essa ausência proporcionou uma maior participação dos professores nas discussões, talvez pelo fato de que antes se sentiam constrangidos pela presença dos coordenadores e diretores; por outro, tal fato prejudicou a coleta de elementos sobre a análise da temática sob a perspectiva da direção da escola. As falas dos professores nos deram pistas de que a ausência da direção fazia parte de uma estratégia para evitar compromisso com “possíveis mudanças” que o grupo de professores pudesse sugerir no tratamento da questão no cotidiano escolar. Portanto, podemos considerar que a direção, “no discurso”, apoiava as reuniões do grupo, mas “na prática” não daria sustentação a eventuais proposições do grupo.

A participação nas reuniões era aleatória e eventual, de um grupo de oito professores, em média, dos 15 que faziam parte da equipe. As discussões no grupo permitiram registrar os pensamentos e a posição dos participantes frente à temática da sexualidade, bem como outros aspectos relacionados que mostraremos no próximo capítulo.

Identificamos nos professores muitas justificativas para evitar o desenvolvimento de atividades de Educação Sexual. Esses comentários dos entrevistados eram sempre cercados pela busca de “culpados” para a situação em questão. Havia divergências entre os professores na hora de escolher a quem

atribuir a suposta culpa, muitos diziam que a direção não os ajudava, alguns mencionavam que os outros professores faziam comentários “maldosos” e poucos admitiam que não se sentiam preparados para abordar o assunto com seus alunos.

Nesse estudo, os 15 professores que compõem a nossa amostra inicial são identificados aleatoriamente pelas letras de A a O do alfabeto, e todas as falas foram gravadas.

O roteiro das entrevistas encontra-se exposto a seguir, mas vale lembrar que se trata apenas de um guia para nortear a conversa, e que cada entrevista teve um desenvolvimento particular:

1. Qual é a importância de se trabalhar Educação Sexual na formação dos alunos, na sua opinião?
2. Você trabalha ou já trabalhou com Educação Sexual em suas aulas? Por quê?
3. Se você já trabalhou, informe como se deu o desenvolvimento de sua aula.
4. Existe uma forma de trabalhar Educação Sexual dentro da disciplina que você ministra? Como?
5. Você se sente preparado em trabalhar Educação Sexual na escola?
6. O que você entende por Sexualidade Humana?
7. Quais são as maiores dificuldades para se trabalhar com a temática da Educação Sexual, na sua opinião?

Ao mesmo tempo em que optamos por usar as verbalizações dos professores na apresentação dos resultados, decidimos transcrever na íntegra o pensamento dos entrevistados, registrando a expressão da oralidade das falas, sem corrigir vícios de linguagem, deslizes gramaticais ou erros de concordância próprios da linguagem oral, mantendo, assim, intacta a idéia original.

Frise-se que as falas selecionadas para análise foram colhidas tanto nas entrevistas individuais quanto nos encontros periódicos com o grupo.

As expressões individuais dos professores nas reuniões de trabalho possibilitaram caracterizar a evolução do grupo. Ao analisar os dados, pudemos identificar núcleos de idéias semelhantes que indicavam a ocorrência de significações compartilhadas pelo grupo. Isso quer dizer que as verbalizações individuais apresentadas são representativas das idéias do grupo tanto quanto de quem as fez. Na ocorrência de casos particularizados, nós os destacamos ao fazer a análise das respostas.

Um fato que nos surpreendeu foi verificar que, no decorrer das entrevistas e dos encontros, os professores, em sua maioria, se sentiam à vontade e a cada dia mais receptivos, aproveitando o momento para desabafar diante das dificuldades encontradas na escola para o desenvolvimento de discussões e atividades com alunos sobre um tema tão instigante como é a sexualidade humana.

A medida em que avançávamos na análise dos dados, nossa “leitura interpretativa” demonstrou uma ênfase na “biologização da sexualidade” entre os professores. Ao mesmo tempo, tivemos oportunidade de, com base nos dados

levantados, dividir nas seguintes categorias as dificuldades manifestadas pelos professores em relação ao desenvolvimento de atividades de Educação Sexual:

1. quanto ao tema por despreparo pedagógico e de conteúdo;
2. quanto à interferência da religião e de outras crenças a respeito da sexualidade humana;
3. pelo receio das atitudes e reações dos pais dos alunos;
4. pelo receio em perder o “status” e o respeito pelos colegas professores e dos próprios alunos;
5. quanto à interferência de tabus, preconceitos e pensamentos do senso comum.

Feita a análise dos resultados obtidos no grupo de discussão em Educação Sexual na escola e nas entrevistas, passamos para um segundo momento das investigações, entrando em contato com sete professores de três outras escolas da região central do município de Londrina (PR), que davam aulas de Ciências no Ensino Fundamental, sendo que três deles também ensinam Biologia no Ensino Médio.

Queríamos saber se também esses professores adotavam uma abordagem “biologizante” da sexualidade no ensino, como havíamos constatado na pesquisa com os 15 professores de diferentes disciplinas da outra escola; queríamos identificar os elementos pedagógicos que caracterizam o desenvolvimento de atividades de Educação Sexual entre esses professores.

Os professores convidados para esse segundo momento foram entrevistados com o auxílio de um roteiro com questões semi-estruturadas que foram gravadas em áudio.

De acordo com Lüdke e André (1986, p. 33), a entrevista:

[...] representa um dos instrumentos básicos para a coleta de dados, dentro da perspectiva da pesquisa qualitativa”, sendo “(...) uma das principais técnicas de trabalho em quase todos os tipos de pesquisa utilizados nas ciências humanas.

No desenvolvimento das entrevistas, foi possível confrontar dados, fazer novas perguntas, rephrasear algumas questões, entender melhor o que os professores de Ciências pensam e partilham a respeito da sexualidade, à luz dos PCNs, bem como avaliar a influência da perspectiva “biologizante da sexualidade” na prática pedagógica, algo que identificamos ao longo da pesquisa e que não fazia parte da nossa expectativa. Por outro lado, também entre os professores de Ciências houve relatos de obstáculos para desenvolver a temática da sexualidade em sala de aula, desde os primeiros encontros.

O roteiro usado nas entrevistas com os professores de Ciências seguia uma certa ordem lógica, um certo encadeamento. Com isso, registrávamos as possíveis relações que os professores estabeleciam entre a Educação Sexual e os PCNs, com a ênfase na biologização, e as dificuldades que os professores de Ciências enfrentavam em relação ao desenvolvimento do tema em sala de aula.

Mesmo dispondo de um roteiro para conduzir a entrevista, encaminhamos as discussões para as questões que julgamos adequadas e ficamos atentos para estabelecer um clima favorável na produção das respostas pelos professores. Também demos abertura para que eles se sentissem à vontade para

fazer suas análises críticas sobre a situação da Educação Sexual no Ensino Fundamental. A abordagem “biologizante” acerca da sexualidade muito nos instigou, levando-nos a utilizar um instrumento de coleta de informações que enfatizava esse aspecto. O roteiro tinha o seguinte teor:

1. Sabemos que os PCNs propõem que a sexualidade seja tratada na escola como um tema transversal, que deve ser trabalhado por todas as disciplinas e não por uma específica de Educação Sexual. Você concorda ou, na sua opinião, só os professores de Biologia e Ciências deveria trabalhar com o assunto?
2. A sexualidade está restrita somente aos aspectos biológicos? Sim ou não?
3. Além da parte biológica, ligada à sexualidade, quais outras áreas estão ligadas à sexualidade?
4. Como trabalhar todos os aspectos relacionados à sexualidade na sala de aula?
5. Qual é a importância do conhecimento do aparelho reprodutor ou da reprodução humana na formação da sexualidade dos alunos?
6. Como você trabalharia, em sala de aula, temas como:
 - a) Homossexualidade?
 - b) Masturbação?
 - c) Virgindade?
 - d) Gravidez indesejada?
7. Quanto esses temas que nós tratamos (homossexualidade, masturbação etc.) estão restrito aos aspectos biológicos?

8. Na formação inicial do professor de Ciências, que é dada pelo curso de Ciências Biológicas, há algum preparo ou capacitação para tratar de Educação Sexual?

A apresentação dos elementos constituintes dos parâmetros de análise procura não estar dissociada do referencial teórico adotado. Por isso, as falas destes sete professores também foram registradas em sua integralidade. Eles estão designados pelas letras Z, X, V, U, T, S e R, aleatoriamente.

Podemos considerar que a elaboração crítica que os professores de Ciências fazem das atividades educacionais em relação à sexualidade está baseada fundamentalmente nas suas concepções construídas socialmente acerca do que é a sexualidade e sua influência na formação integral do indivíduo. Enquanto na primeira parte da pesquisa, com professores de diferentes disciplinas do Ensino Fundamental e membros da equipe pedagógica de uma escola, tivemos oportunidade de identificar os fatores externos à sala de aula que obstruem a prática educativa em torno da sexualidade, no segundo momento verificamos, no conjunto dos professores de Ciências entrevistados, os seus interesses, dúvidas, receios, propósitos, desilusões, sonhos, vontades e perspectivas de trabalho com Educação Sexual.

Sabemos agora que existem inúmeras dificuldades, obstáculos e resistências de diferentes naturezas para tratar o tema. À primeira vista, parece haver um verdadeiro “empurra-empurra” de responsabilidades, no qual muitos professores de outras áreas e a direção da escola lançam a exclusividade da responsabilidade para os professores de Ciências, enquanto outros dizem que falta

boa vontade e trabalho de outros profissionais que também têm essa responsabilidade, como os psicólogos educacionais.

Pudemos verificar, com os professores de Ciências, quais eram as considerações sobre a responsabilidade e a cobrança que os professores de outras áreas depositam sobre eles, e quisemos saber se os professores de Ciências admitem ter mais responsabilidade sobre Educação Sexual ou se acham que a responsabilidade tem que ser dividida com os demais.

Dentro dos limites até aqui traçados, o presente estudo tem como objetivos:

1. Identificar a natureza das dificuldades dos professores para desenvolver a temática da sexualidade em sala de aula;
2. Avaliar o impacto da ênfase da “biologização da sexualidade” na prática pedagógica dos professores;
3. Analisar as considerações dos professores acerca da inserção da sexualidade de modo transversal no currículo escolar.

Assim sendo, o presente estudo compreende uma investigação sobre as tendências pedagógicas dos professores, no que se refere às concepções e às práticas educativas da inserção da temática da sexualidade no currículo escolar, bem como procura identificar as dificuldades de natureza pedagógica para implementar a referida temática em sala de aula.

CAPÍTULO 3

APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Como descrito no capítulo anterior, inicialmente realizamos uma investigação que contava com a participação de professores de várias áreas do Ensino Fundamental, entre as quais Ciências, Português, Matemática, História, Geografia, Língua Estrangeira, Artes e Educação Física. O objetivo inicial era elaborar e desenvolver, juntamente com os professores, um projeto sobre sexualidade na escola, para identificarmos os possíveis impedimentos na sua implantação e implementação, de tal modo que os obstáculos detectados pudessem ser convertidos em elementos para nossa investigação. No entanto, como já relatamos, o projeto não foi elaborado, nem tampouco desenvolvido, já que os dados coletados apontaram no sentido de nos aprofundarmos sobre a natureza dos obstáculos enfrentados pelos professores no desenvolvimento da temática da sexualidade em sala de aula e verificarmos a amplitude da dimensão exclusivamente biológica na abordagem da sexualidade pelos professores nas aulas de Ciências. Assim, os resultados da investigação inicial nortearam os desdobramentos do presente estudo.

Apresentamos a seguir as falas colhidas nas reuniões de trabalho e nas entrevistas individuais com professores das várias disciplinas, e aquelas obtidas

nas entrevistas com os professores de Ciências. As falas são entrecortadas com a análise, na qual buscamos elementos para a discussão dos resultados.

3.2 OS PCNS E A EDUCAÇÃO SEXUAL

Tomando a sexualidade como um tema transversal de grande demanda social, que de uma forma ou de outra está difundida e disseminada por toda a sociedade, os encontros de trabalho e entrevistas direcionaram os professores para a seguinte questão: *“Cabe ao professor implementar reflexões sobre a sexualidade dentro da sala de aula ou a temática da sexualidade não é responsabilidade do professor, e sim de outro profissional especializado?”* Esta foi uma das discussões iniciais nas entrevistas, que serviu de elemento para avaliarmos a relação entre a importância da temática da sexualidade na escola e a responsabilidade do professor.

A seguir, um trecho da fala da professora V, de Ciências:

Eu acho que somente o professor conhece a realidade da sala de aula é então do professor a responsabilidade de trabalhar educação sexual na escola. Não adianta vir uma pessoa especializada, um psicólogo, um médico ou um profissional de uma instituição universitária dizer: “É assim que se trabalha sexualidade!” Para você ter uma idéia, uma vez eu disse a uma psicóloga que passei uma certa dinâmica aos alunos, e ela me respondeu que não passaria essa dinâmica aos alunos. Bom, aí eu respondi a ela: “Você não faria essa dinâmica

porque você não conhece a realidade dos alunos e eu conheço, eu vejo, eu convivo. É diferente você na clínica. Você tá na clínica, no seu consultório (eu também não faria uma análise de um problema, porque eu não sou psicóloga clínica). Eu conheço o meu canto. Faz isso aqui e você vai ver o quanto vai dar certo, e o quanto eles vão te enriquecer e se enriquecer.

A professora acima define a sua posição diante da responsabilidade pela Educação Sexual formal do seu aluno. Ela reforça que não admite a interferência de um profissional de outra área para direcionar sua maneira de desenvolver a temática. Podemos considerar que a professora defende sua autonomia em selecionar os conteúdos, objetivos e procedimentos didáticos, o que garante e legitima a sua prática educativa frente ao tema da sexualidade.

De acordo com os PCNs, os professores são responsáveis pela Educação Sexual formal dos seus alunos, independente da disciplina ministrada. Portanto, podemos considerar que a fala da professora está afinada com os PCNs, os quais atribuem aos professores a responsabilidade de desenvolver a temática da sexualidade na sala de aula, contribuindo para a formação sexual dos seus alunos.

Outra professora acrescenta: *Um bom trabalho de educação sexual deve ser feito com todos os professores participando, porque sozinho não dá (...) todos os professores podem contribuir de alguma maneira. (PROFESSORA F)*

Nesse sentido, as diferentes áreas do conhecimento do Ensino Fundamental devem acolher os assuntos dos Temas Transversais, de forma que esses assuntos interajam e integrem os conteúdos escolares das diferentes disciplinas. Consideramos que deve ocorrer uma interação entre os conteúdos das

disciplinas e os temas de grande demanda social numa abordagem transversal, como é a sexualidade. Para Figueiró (2001, p. 48), *“Temas Transversais dizem respeito a conteúdos de caráter social que devem ser incluídos no currículo, de forma ‘transversal’, ou seja, não como uma área específica de conteúdo, mas ministrados no interior das várias áreas do conhecimento, perpassando cada uma delas.”*

Assim, a Educação Sexual, como outras temáticas, compõe os Temas Transversais que, para Figueiró (2001), podem ser ensinados pelos professores das várias áreas do conhecimento. Para a mesma autora, a Educação Sexual *“deve ser incluída da 1ª a 8ª série, de duas formas: dentro da programação e como extra-programação (FIGUEIRÓ, 2001, p.48-49).*

Dentro da programação: quando o conteúdo da sexualidade proposto para cada série é organizado, planejado e dividido entre os professores, para determinar quem vai ensinar o quê. Pode ser que, numa série, sejam os professores de Português, História e Ciências que se consideram capazes e querem ensinar sobre sexualidade, e assim ensinarão o conteúdo de sexualidade dentro de suas próprias aulas. Em outra série, pode ser a professora de Matemática e a de Educação Física, por exemplo. Quando a professora é a única da sala, como acontece nas séries iniciais, deve organizar-se para ensinar os conteúdos estipulados dentro de algumas áreas do conhecimento, nas quais houver condições de inserir.

Como extra-programação: é quando todo e qualquer professor, sem ter planejado, aproveita uma situação, um fato que acontece espontaneamente, para, a partir daí, ensinar sobre sexualidade, ou passar uma mensagem positiva sobre a mesma, para educar sexualmente (FIGUEIRÓ, 2001, p.48-49).

Entre outros autores, Lorencini Jr. (1997, p. 94) argumenta que os professores devem ter a responsabilidade e a importante habilidade de:

[...] dar oportunidade aos alunos de participar das atividades, problematizando os diferentes pontos de vista que eventualmente surjam durante as discussões, e, sobretudo, possibilitar que a sala de aula seja um ambiente de descontração onde os alunos se sintam à vontade para expressar opiniões com sinceridade e honestidade; em suma, um ambiente possível para a busca constante e renovada dos sentidos da sexualidade.

A professora I, de Geografia, concorda que *“os professores são os grandes responsáveis pela Educação Sexual dos jovens, pois são eles que convivem com os jovens e têm a oportunidade de educar”*. Argumenta ainda que *“é responsabilidade de todos os professores do Ensino Fundamental trabalhar Educação Sexual com seus alunos”*.

Verificamos que a maioria dos entrevistados concorda com o PCNs, no que se refere à responsabilidade dos professores para o trabalho de Educação Sexual com seus alunos. Dos 15 professores que entrevistamos na primeira fase, 11 consideram o professor responsável pela formação dos seus alunos inclusive quanto à Educação Sexual, como já mencionado pela professora I.

Em contraponto, alguns professores admitem que a Educação Sexual da criança em desenvolvimento deve ser entregue a um profissional capacitado, como um psicólogo com formação em sexologia ou um médico. É o que defende a professora A, de Geografia:

Eu acho ótimo trabalhar Educação Sexual, agora eu acho que deve ter um profissional capacitado para isso, e não um profissional da sala. Bom, no meu caso, como professora de Geografia, eu não trabalho e não trabalharei, pois não me sinto apta para trabalhar esse tema com eles.

A fala da professora A indica o receio em assumir a responsabilidade de *“trabalhar esse tema com eles”*. Parece que essa dificuldade está relacionada com o fato de ela própria não ter tido, em sua formação, disciplinas ou conteúdos a respeito de sexualidade e, portanto, considerar-se incapaz para abordar o tema, abdicando da responsabilidade. Mas ela não quer atribuir essa

responsabilidade sequer ao professor de Ciências, mas apenas a médicos, psicólogos ou outros profissionais especializados na temática.

A professora concorda com um projeto em Educação Sexual na escola, mas resiste ao desenvolvimento da temática no currículo escolar de forma transversal:

Eu acho legal que se trabalhe Educação Sexual, mas acredito que eu na minha disciplina, não poderei ajudar muito, pois como trabalhar sexualidade com Matemática? Acho que isso deve trabalhar o professor de Ciências, que já é preparado para isso. (PROFESSORA C)

Na nossa amostra, encontramos profissionais que defendem a necessidade do trabalho de outros profissionais especializados nos assuntos da sexualidade na escola, e outros que acham que essa atribuição deve ser do professor – especificamente, o professor de Ciências.

Esse assunto nem tem como entrar na sala de aula para eu dar junto com a Geografia, assim, digo que nem tem como, né, dizer que vai trabalhar “transversalidade”. E outra, eu não estudei para isso, isso não é minha área. (PROFESSORA A).

Para a professora C, a responsabilidade de tratar da temática da sexualidade é do professor de Ciências. Há uma tendência de admitir que o professor de Ciências é o mais capacitado para isso, devido à ilusão de que os professores de Ciências conhecem mais e melhor o assunto. Dentro dessa perspectiva, consideramos que os professores admitem que a abordagem

estritamente biológica é a ideal para tratar da sexualidade, como se vê na declaração abaixo:

Acho que o professor de Ciências, né, é o melhor para trabalhar com atividades de educação sexual, pois são mais preparados. (PROFESSORA F)

Outra professora que busca associar o professor de Ciências com o alicerce da prática de um bom trabalho de Educação Sexual na escola, por considerar que os professores de Ciências são mais preparados, é a professora G, de Português:

*Eu somente aceito trabalhar com Educação Sexual juntos dos professores, **aí tem a atuação da professora de Ciências com a sua disciplina** (grifo nosso), e daí nós vamos trabalhar em conjunto. Agora, isoladamente, eu procuro levar meio que em banho-maria, para não puxar para mim... Agora, se a gente for trabalhar mesmo, daí é ótimo, daí vamos trabalhar assim, todos juntos (PROFESSORA G).*

Podemos constatar que a professora G considera importante que a Educação Sexual ocorra em grupo, com a participação de todos os professores, salientando a “atuação da professora de Ciências com a sua disciplina”. Para ela, o desenvolvimento da atividade de Educação Sexual deve de qualquer forma ter o apoio e ser apoiada pelo alicerce do grupo, papel que ela atribui ao professor de Ciências.

O depoimento a seguir é de uma professora de Ciências (R), para a qual a Educação Sexual deve mesmo ser ministrada apenas pelos professores de Ciências:

Eu não concordo com os PCNs, de todos os professores trabalharem sexualidade. O ano passado nós tivemos uma reunião, por um lado atendeu a nossa curiosidade, para tratar o assunto, algum fato específico que ocorra dentro da sala pra esclarecer o aluno naquele momento é válido professores de outras áreas trabalharem, mas assim, como uma aula específica mesmo, deveria ser dado pro uma professora mesmo da área ou por médicos, ou assim, alguém que conhecesse os termos corretos, porque quando eles querem tirar as dúvidas, também ocorre assim muitos termos que pra explicar no geral, eles são assim, meio chocante pra alguns. E se você fala cientificamente, ou mostrando, porque o professor de Ciências tem todo um envolvimento pra essa aula. Essa aula na verdade deve ser dada em etapas, ela deve se limitar ao sociológico, ao psicológico, ao desenvolvimento daquela faixa etária dos alunos. Então, às vezes a pessoa que não está preparada para isso, ela pode avançar na explicação, e aqueles que não estão nessa altura podem ficar meio confusos. Então tem, às vezes, a criança vem me fazer perguntas, assim, uma coisa meio distorcida da realidade, inclusive, no aspecto anatômico e fisiológico.

Notamos, na fala da professora R, uma dificuldade em aceitar as recomendações dos PCNs para inserir a sexualidade de modo transversal no currículo escolar. Do mesmo modo que outros professores da nossa amostra, essa professora considera que a disciplina de Ciências é o “espaço ideal” para as discussões e que somente os professores da área estão preparados para desenvolver o tema. Para essa professora, a sexualidade tem um enfoque biológico que deve ser ensinado e apenas o professor formado em Ciências Biológicas tem capacidade para desenvolver uma aula sobre sexualidade. Para ela, por mais que o tema apareça com finalidades não-biológicas, a explicação final precisaria

necessariamente de um conceito biológico, que, portanto, um professor da área de humanas e exatas não poderia oferecer aos alunos. Na verdade, é a mesma opinião da professora C, de Matemática, que se considera incapaz de ajudar na construção da sexualidade dos alunos, já que a sua função na escola é “ensinar Matemática!”.

3.3 O ENFOQUE BIOLÓGICO DA SEXUALIDADE HUMANA

Durante as entrevistas realizadas com os professores verificamos uma forte tendência à biologização da sexualidade, isto é, os professores interpretam a temática da sexualidade sob uma visão fundamentalmente biológica, na qual as questões levantadas em sala de aula estão relacionadas restritamente à reprodução biológica. Por essa razão, esses professores não integram as diversas relações e dimensões que acompanham a sexualidade humana.

Isso é fortemente evidenciado na fala a seguir, da professora S, de Ciências:

Existe uma forte ligação entre a biologia e a sexualidade, porque quando você fala em hormônios e você trabalha glândulas, o sistema glandular, nós estamos trabalhando com hormônios. Nós podemos citar os hormônios da sexualidade, então falando-se de ovário, do testículo, você já vai conversando e trabalhando esse assunto com ele, e tem uma relação muito grande, não deixa de ter. (PROFESSORA S)

Vemos, nas palavras da professora S, como os aspectos biológicos estão enraizados na sua concepção da sexualidade, refletindo assim na sua forma de pensar e de desenvolver o tema nas aulas. Nesse sentido, a professora citada demonstra uma forte tendência de acreditar que discutir a sexualidade com os alunos de 5ª a 8ª séries é descrever o aparelho reprodutor masculino e feminino. Assim, parece que o enfoque “biologizante da sexualidade” não é adotado apenas pelos professores das áreas de exatas e humanas, mas também pelos próprios professores de Ciências.

Se, por um lado, podemos considerar que os conteúdos biológicos da reprodução interagem por meio de um enfoque indissociável com a unidade da sexualidade humana, por outro não podemos considerar a dimensão biológica como o único sentido possível para os alunos, no que tange à construção da sexualidade.

Constatamos, na mesma fala, que a professora S considera que a construção da sexualidade do indivíduo ocorre por meio do desenvolvimento e maturação fisiológica; ela se refere aos hormônios, às glândulas, aos ovários e testículos como sendo os únicos elementos responsáveis pela formação sexual.

Analisando ainda a expressão “hormônios da sexualidade”, usada pela professora S, podemos notar que a professora associa, sem muito rigor, os hormônios ligados à reprodução, atribuindo-os ao desenvolvimento da sexualidade humana. Para os fisiologistas Selkurt e Ewald (1979, p. 618), “há uma interação entre os **órgãos sexuais** e os **hormônios**”, e não entre a **sexualidade** e os **hormônios** (grifo nosso), como menciona a professora, de tal forma que se estabelece uma dependência fisiológica:

[...] hormônio andrógeno produzido nos testículos, como resultado do aumento na secreção do hormônio folículo-estimulante (FSH) e do hormônio luteinizante (LH) pelo adeno-hipófise, que estimula os túbulos seminíferos e as células de Leydig para a síntese. Tem função de desenvolver morfológica e funcionalmente todo o aparelho reprodutor masculino, inclusive as glândulas acessórias e a genitália externa. Iniciam a recessão da linha dos pêlos masculinos e controlam a distribuição dos pêlos na face, do corpo, do púbis e estimulam o crescimento dos pêlos axilares. Além disso, induzem aumento da laringe e espessamento das cordas vocais, levando assim à voz grave do indivíduo adulto do sexo masculino. Obviamente, então, são necessários tanto para o desenvolvimento qualitativo quanto quantitativo das características sexuais secundárias que distinguem o homem do menino (SELKURT, 1979, p. 618).

Portanto, não podemos definir a sexualidade como sinônimo de órgãos reprodutores, como faz a professora. Os fisiologistas demonstram a relação existente entre os órgãos sexuais, os hormônios, as características sexuais masculinas e o desenvolvimento biológico do indivíduo. Uma perspectiva multifacetada e plural da sexualidade admite os aspectos fisiológicos como apenas mais um dos componentes do termo.

Assim, consideramos que a questão fisiológica é parte de um todo, e não o todo, significando que toda a funcionalidade dos órgãos reprodutores é parte da construção da sexualidade, porém não é suficiente para a compreensão dos significados e sentidos da sexualidade. Portanto, não são apenas os hormônios os responsáveis por todos os componentes da construção da sexualidade do indivíduo.

Figueiró (2001) e Pamplona (1997), entre outros autores, consideram que os componentes biológicos como cromossomos, genital interno, genital externo e caracteres sexuais secundários, permeiam a construção sexual dos indivíduos, mas agregado a este eixo central de nossas vidas, que é a sexualidade, há o papel psicológico do indivíduo (identidade sexual): 1) identidade genital; 2) identidade de gênero; 3) orientação afetivo-sexual e 4) o elemento social e cultural (papéis sociais de gênero, papéis afetivo-sexuais), como já descrito no capítulo 1.

Ainda enfatizando a questão da restritiva abordagem biológica sobre a temática da sexualidade, transcrevemos outra fala da professora S em resposta à pergunta: *“Como você trabalha a sexualidade nas aulas de Ciências?”*

Primeiro, quando se fala em sistema reprodutor, citam-se os órgãos. E depois as funções desses órgãos. Além das funções, trabalhar as estruturas, a localização, a manifestação de alterações de estruturas. (PROFESSORA S)

Podemos verificar que, quando questionada, a professora apresentou novamente um discurso biológico em torno da sexualidade, no qual procurou mencionar os órgãos e suas funções e localização. Parece evidente sua preferência pelo discurso biológico. Essa professora considera que descrever apenas os órgãos reprodutores e seu funcionamento é o melhor encaminhamento para os conteúdos da sexualidade. Ribeiro (2003) já havia detectado que os livros didáticos de Ciências, assim como muitos programas, manuais e guias de Educação Sexual, dão forte ênfase à abordagem biológica quando tratam da sexualidade. A principal implicação desse enfoque é a vinculação do *“conhecimento anátomo-fisiológico dos sistemas reprodutores ao uso dos métodos anticoncepcionais, aos mecanismos e à prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e da AIDS”* (RIBEIRO, 2003, p. 69).

Alguns poucos livros ousaram tratar, quando falam da sexualidade, de assuntos como a mudança do corpo na adolescência, as diferenças entre meninos e meninas, a masturbação, o aborto e a homossexualidade (RIBEIRO, 2003). Entretanto, no decorrer de 2004, para nossa estranheza, observamos que foram retirados dos livros didáticos de Ciências de 5^a a 8^a série do Ensino Fundamental, determinados temas que contribuem para a construção do

entendimento consciente da sexualidade humana; eliminando os textos sobre aborto, homossexualidade e masturbação. Este fato demonstra que é provável que haja grupos conservadores que têm interesses em que esses temas não sejam disseminados entre os jovens e adolescentes.

Em pesquisa sobre a saúde reprodutiva e a sexualidade dos jovens do Brasil, Del Claro (1999, p.34) constatou que “*os temas predominantes sobre sexualidade abordados nas escolas são: métodos contraceptivos e as DSTs (doenças sexualmente transmissíveis)*”. A autora argumenta que a ênfase dada às informações biológicas, quando se fala de sexo, é decorrência da dificuldade que existe em abordar a sexualidade. A grande barreira para o desenvolvimento do tema, como pudemos verificar nas entrevistas com os professores de Ciências, parece estar nas possíveis formas de abordagem e não no conteúdo em si.

Assim, tratar a sexualidade sob uma perspectiva biológica, descrevendo o aparelho reprodutor e informando sobre os métodos contraceptivos, é “muito mais fácil” do que discutir prazer, desejo sexual, relação com o corpo, masturbação, gravidez na adolescência, heterossexualidade, homossexualidade e bissexualidade (FIGUEIRÓ, 2002).

Não desconsideramos a importância da aprendizagem sobre a fisiologia da reprodução, tanto quanto é importante o estudo da fisiologia do sistema digestório, circulatório, excretor, nervoso ou endócrino. Contudo, o espaço escolar deveria promover uma discussão mais ampla em torno da sexualidade humana, no qual pudéssemos refletir sobre o caráter meramente informativo das aulas de Educação Sexual nas escolas. A educação não é um fim, mas um meio para

compreender a complexidade da sexualidade e, desse modo, promover uma “sexualidade educada”.

Ainda na fala da professora S, identificamos mais uma vez como ela restringe a sexualidade aos aspectos biológicos em sua resposta à pergunta: *“Sexualidade está restrita aos aspectos biológicos? Por quê?”*

A gente pode ensinar o sexo, a sexualidade para uma criança desde a presença de uma flor. Da presença dos órgãos reprodutores e que não são protegidos e que a pessoa admira. É, cheira aquela flor e admira e não sabe com o quê que ela lidando. Existem várias maneiras de você trabalhar esse assunto. Dá para ampliar bem esse assunto. (PROFESSORA S)

Esse trecho evidencia que a ênfase na dimensão biológica está balizando os procedimentos didáticos do professor de Ciências no ensino da sexualidade. Para a professora S, associar os órgãos reprodutores humanos aos órgãos reprodutores da flor é uma estratégia didática que demonstra uma forte tendência em considerar os aspectos da dimensão biológica no desenvolvimento dos conteúdos da sexualidade. Entretanto, mesmo que consideremos significativa a estratégia adotada, ela limita o tema e não possibilita uma reflexão sobre as manifestações da sexualidade, mas sim um estudo sobre a biologia da reprodução.

Com a professora U, de Ciências, identificamos na sua fala a idéia de que apenas os professores de Ciências têm o que podemos denominar de um “discurso científico autorizado”:

Nós, professores de Ciências, trabalhamos com a linguagem científica. E então eu acredito que outra área possa trabalhar com uma forma mais

simples e pode ser que seja até melhor para os alunos entenderem. (PROFESSORA U)

Vemos que, segundo a professora U, as outras dimensões da sexualidade que poderiam ser abordadas por professores de outras áreas do conhecimento não estariam apoiadas pelo “discurso científico”. Portanto, os alunos não entenderiam a biologia da reprodução, porque a linguagem autorizada para compreendê-la é a científica e, quando compreendessem alguma coisa sobre a sexualidade, esses aspectos estariam relacionados com dimensões não reconhecidas nem autorizadas pelo “discurso científico”.

Em contraponto com as professoras R, S e U, a professora Z, também de Ciências, concorda que a sexualidade não está restrita aos aspectos biológicos: “[...] *sexualidade ela é tanto biológica como psicológica, emocional, cultural que tanto influencia na vida do ser humano e, em geral, pode trazer perguntas sem respostas, sem ser biológica*”.

A professora Z admite que, para desenvolver um programa de Educação Sexual, o professor de Ciências deve utilizar outras abordagens além da biológica, nas questões relativas à sexualidade:

É obvio que conhecer a anatomia e o funcionamento do próprio corpo é essencial e deve servir de base para se abordar sexualidade, mas isso não é suficiente, temos que falar dos aspectos psicológicos, sociais, culturais que envolvem a sexualidade, como, por exemplo, falar de masturbação, aborto, homossexualidade, prazer, erotismo, papel da mulher e do homem na sociedade, e (...). (PROFESSORA Z)

Analisando essa fala, constatamos que a professora Z considera a sexualidade dotada de várias dimensões, sendo a dimensão biológica apenas uma delas.

Considerando que os processos educativos possibilitam a socialização do educando e que, nesse caso, ao receber Educação Sexual o aluno estaria necessariamente envolvido com os processos psicológicos, sociais e biológicos da sexualidade humana na formação do cidadão, a professora Z concorda que a Educação Sexual compreende um comportamento condicionado por fatores biológicos, culturais e sociais.

Ao referir-se aos PCNs, ela comenta:

Eu concordo com o PCN, que admite a sexualidade como um tema transversal, pois a sexualidade não é inerente a uma disciplina. Ela está no contexto do ser humano. Pode-se trabalhar com texto, com gráfico, com a história da sexualidade. É um assunto amplo, que tem que ser trabalhado sim, principalmente na adolescência. As perguntas são inúmeras e as respostas são irrisórias.
(PROFESSORA Z)

Podemos considerar que a professora Z, quando menciona as diferentes formas de se trabalhar com Educação Sexual na escola (com texto, gráfico, abordando a história da sexualidade), pretende esclarecer que a temática da sexualidade deve ter o incentivo e a participação dos professores de diferentes áreas. Cabe a cada professor, dentro da sua disciplina e do seu contexto, propor a discussão do tema.

Fica assim ressaltada a importância da sexualidade como tema transversal, em que todos os professores deveriam promover reflexões em sala de aula, e não somente os de Ciências. A fala da professora Z, quando diz “a sexualidade não é inerente a uma disciplina”, reforça a importância de a Educação Sexual envolver a presença dos professores das várias áreas na discussão.

Como podemos notar, a professora Z destaca que todos os professores devem desenvolver um discurso sobre a sexualidade, pois cada um pode encontrar um caminho que lhe dê suporte para contribuir para a formação e construção da sexualidade dos alunos.

Mais ainda, podemos dizer que a professora concorda plenamente com os PCNs, na questão de que o ensino da sexualidade deve ser um compromisso de todos os professores, e não somente dos de Ciências, formados em Ciências Biológicas.

Analisando a fala da professora Z, observamos que a reflexão sobre o discurso da sexualidade deve moldar o contexto social e cultural da escola.

A análise do conjunto das falas dos professores a respeito do tema da sexualidade nos leva à conclusão de que as barreiras que eles apontam para tratar do tema em sala de aula estão relacionadas com a concepção que têm acerca dos aspectos da sexualidade, o que os impede de ter um pleno desenvolvimento profissional. Os professores resistem em desenvolver assuntos como a construção da identidade sexual, o prazer, a homossexualidade, a masturbação e outros aspectos socioculturais e psicológicos da sexualidade que são trazidos à tona durante as aulas.

Nas 7ª séries, por eles serem da 7ª série, de uma certa altura para diante, a gente trabalha uns textos que abordem o amor. Agora, o sexo em si, um trabalho que envolve sexualidade, eu não faço. Eu faço sim, textos que possibilitem uma interpretação, uma coisa assim, mas sempre tentando direcionar, mais pro lado sentimental, e não deixando muito a eles esse lado de expor o que pensam, por lidar com certas dificuldades de lidar com o tema, já que eles têm pai e mãe, e são crianças ainda, e de repente você aborda um tema que não... Aí vão dizer, o que essa professora está inventando na aula dela... Então eu prefiro levar a coisa mais light, para não... (PROFESSORA G, de Português).

As palavras da professora G mostram por que muitos professores, de diferentes disciplinas, consideram que a sexualidade é assunto para os professores de Ciências, justificando assim a forte “biologização da sexualidade”. Vale ressaltar que se, por um lado, a iniciativa da professora em abordar o tema pela dimensão “sentimental” contribui em parte para o desenvolvimento afetivo dos alunos, por outro, esse direcionamento, que impede os alunos de manifestarem as suas próprias opiniões, indica o receio da professora de se indispor com os pais dos alunos.

Independente da causa, as dificuldades enfrentadas pelos professores no desenvolvimento do tema existem e são várias. Podemos considerar que, se por um lado, os indivíduos deparam com os limites que impõem à própria sexualidade, muitas vezes em razão da falta de informação e da falta de espaços para debates sérios e profícuos; por outro, vale lembrar, ainda, que grande parte das atitudes da sociedade, no que diz respeito à sexualidade, se baseia na culpa e na repressão, que advêm do excessivo controle social sobre a sexualidade, com conseqüências negativas para a vida comunitária (PINTO et. al., 1999).

Procurando elementos para análise, no que diz respeito às dificuldades para se trabalhar certos temas específicos da sexualidade,

perguntamos: “Como você trabalharia o tema da homossexualidade?” Obtivemos a seguinte resposta:

Esse tema é pouco trabalhado em 5ª e 6ª série, porque não há muita pergunta e nem se fala sobre isso. Quando se fala em homossexualidade, eles dão muita risadinha. Eles acham muito engraçada a relação homem-homem, e então não surgem assim muitas perguntas. E você vai conversando, alguns entendem e outros acham estranho. E quando você conversa com os maiores, eles procuram dar mais atenção, entendeu? Eles têm mais atenção no que você está falando. Então é uma parte assim mais difícil para se trabalhar. Principalmente para os pequenos, os maiores compreendem melhor o porquê do homossexualismo (PROFESSORA V, de Ciências).

Observando a fala acima, podemos considerar que há uma dificuldade muito grande dos professores de Ciências, como também dos de outras áreas, para abordar em alguns quesitos polêmicos da sexualidade. Muitos não estão preparados psicologicamente, sendo portadores de crenças e tabus que os impedem de desenvolver o tema de forma “saudável”. Dentro do tema da sexualidade, os assuntos considerados pelos professores, e identificados por Costa (2003) em sua pesquisa, como “difíceis de lidar”, são a homossexualidade, a gravidez precoce, a masturbação e o aborto – justamente os assuntos que envolvem predominantemente aspectos socioculturais, em detrimento dos aspectos fisiológicos:

Tem temas que eu faço de tudo para não entrar, pois é muito difícil trabalhar, né. Você sabe, é difícil falar de aborto, por exemplo. É difícil falar de relação sexual do mesmo sexo (PROFESSORA L).

Olha, é complicado falar sobre a gravidez na adolescência, apesar de ser uma coisa muito importante para se falar, pois é um tema social, que tanto precisa ser discutido, mas que às vezes você vai falar e pode até ter aluna grávida na sala... (PROFESSOR J).

É tanta coisa que se fala em cima de masturbação, né... E outra, é algo que eles estão descobrindo, é tão difícil falar disso (PROFESSORA K).

É inaceitável a imagem boa que a novela das 8 passa sobre as lésbicas (PROFESSORA D).

As discussões que eles mais pedem, principalmente as meninas, é sobre virgindade, sobre... essas coisas, essas inseguranças que essas meninas têm, sobre ficar, o que acontece, esse tipo de pergunta, às vezes, deixando a gente insegura para responder (PROFESSORA C).

3.4 A NATUREZA DAS DIFICULDADES DOS PROFESSORES COM RELAÇÃO À TEMÁTICA DA SEXUALIDADE

Como já dissemos, os PCNs apontam a sexualidade como um tema de grande demanda social que deve ser inserido transversalmente no currículo escolar. A esse respeito, verificamos entre os professores três tendências distintas: alguns consideram que o assunto sexualidade deve ser abordado exclusivamente pelos professores de Ciências, com enfoque estritamente biológico; outros admitem que a temática é interdisciplinar e o desenvolvimento dos conteúdos é

responsabilidade dos professores de diferentes disciplinas; e existem ainda os que acham que a sexualidade deve ser abordada em sala de aula por profissionais de outras áreas, como psicólogos ou médicos.

Ao longo de nossas investigações, identificamos as dificuldades dos professores para abordar os conteúdos da sexualidade e quais as possíveis implicações desses impedimentos na sua prática educativa. A seguir, analisaremos as diferentes falas dos professores no sentido de verificar a natureza dessas dificuldades, a qual ordem pertence esses impedimentos e quais as suas possíveis conseqüências sobre as tendências na prática pedagógica. Para tanto, categorizamos as falas em unidades de análise, entrecortadas com nossos comentários, procurando encontrar elementos para a discussão dos resultados.

3.4.1 Dificuldades dos professores para desenvolver os conteúdos sobre sexualidade por despreparo pedagógico

Podemos considerar que a maioria dos professores investigados não possui conhecimentos suficientes para estimular reflexões dos alunos sobre a sexualidade humana. Esse resultado parece estar relacionado com o fato de que os cursos de formação inicial de professores não preenchem satisfatoriamente uma lacuna profissional importante para o licenciado, que seria capacitá-lo em Educação Sexual, e tampouco integram diferentes áreas do saber – como Psicologia, Biologia, Sociologia, Filosofia, Antropologia e Pedagogia – para buscar encaminhamentos que

serviriam de modelos didáticos que os alunos, futuros professores, poderiam desenvolver em suas aulas.

Para Mello (2005, p. 57):

Ninguém facilita o desenvolvimento daquilo que não teve oportunidade de aprimorar em si mesmo. Ninguém promove a aprendizagem daquilo que não domina, a constituição de significados que não compreende e nem a autonomia que não pôde construir.

Um dos reflexos disso é que muitos professores não desenvolvem suas aulas relacionando-as com os temas transversais, como é o caso da sexualidade, por não se sentirem preparados para tal empreendimento.

Analisando a fala da professora A:

Bom, no meu caso, como professora não me sinto apta para trabalhar esse tema com eles. Não adianta falar, você sabe disso, isso, e isso, sei, sei tudo isso, mas não tenho habilidade, o jeito de tratar o assunto com eles. Pois de repente eu falo e posso ser mal compreendida, ao passo que um profissional que é capacitado, ele tem toda uma forma para entrar num contexto com eles, e desenvolver o conteúdo e não ter problemas, pois existe a interpretação. Então eu não me acho apta, acho 10, mas eu não trabalho. Eu não me sinto apta.
(PROFESSORA A)

(...) Assim, na faculdade eu tive 4 ou 5 didáticas, mas na didática você aprende a dar aulas, e não a trabalhar com um assunto destes...
(PROFESSORA A).

Podemos verificar nas falas da professora uma forte dificuldade para abordar a sexualidade, devido ao seu despreparo profissional e ao receio das

conseqüências, caso tentasse enfrentar o tema. Assim, a professora considera que a sua falta de capacitação é reflexo da sua formação: durante a graduação, não ganhou base que lhe desse suporte para se envolver com atividades de Educação Sexual em sala de aula. De modo semelhante, a professora E argumenta:

Imagina, nunca tive nada que falasse sobre Educação Sexual, como querem que eu trabalhe com algo que eu desconheço? (PROFESSORA E).

Depois de investigar 65 produções brasileiras, entre dissertações e teses de pós-graduação, que tratam da Educação Sexual no espaço escolar, Silva (2002a) constatou que grande parte dos profissionais incumbidos de dar orientação sexual está despreparada e apresenta dificuldades tanto por questões pessoais como pela falta de informações sobre o tema.

Vimos, então, que a professora A acha que o tema da sexualidade deve ser trabalhado em sala de aula por um profissional capacitado, como um psicólogo ou um médico, e não pelo professor. Reforçando essa idéia, a professora A menciona ainda:

Mesmo sabendo que é um tema transversal, que deveria se trabalhado com todos os professores, eu não concordo, pois na graduação não temos preparação alguma, só se isso agora tem mudado. Tá, mas nós não recebemos informações desse tipo. Nós só recebemos informações do tipo como lidar, trabalhar com eles, dentro do conteúdo que você foi formado. Agora, nem os temas transversais, pois sou formada em 1988, há mais de 10 anos, e nem os temas transversais, que é novo isso, também não foi dado para nós. Eu vou ser sincera, os

professores formados em Física, Química, Biologia, História e Geografia, qualquer um que seja, não sai com essa formação (PROFESSORA A).

Podemos constatar, mais uma vez, que os professores admitem que a formação inicial deveria inserir o tema no processo de profissionalização. Resta a pergunta: se houvesse uma disciplina de Educação Sexual na formação inicial para orientar os licenciandos, futuros professores, no desenvolvimento da temática em sala de aula, as dificuldades seriam menores? É provável que sim, mas continuariam existindo em alguns momentos, demonstrando a complexidade das multi-dimensões da sexualidade.

Como a gente vai trabalhar com sexualidade se nunca fomos orientados durante a nossa graduação e nem em outro momento da vida? (PROFESSOR O)

A falta de capacitação para a Educação Sexual, nos cursos de formação inicial, de acordo com os professores da nossa amostra, parece ser um elemento que interfere e impede o envolvimento em atividades sobre sexualidade. Resta também saber se a Educação Sexual como disciplina na graduação contribuiria para a formação de conceitos culturais da sexualidade, como conhecimento para os professores utilizarem na conversão em atividades significativas que promovessem reflexões sobre a sexualidade humana, melhorando, assim, a qualidade da formação e aperfeiçoando a cidadania dos alunos.

Silva (2002a) demonstra nas suas pesquisas que os professores estão dispostos a ultrapassar seus limites, suas dificuldades e a falta de preparo para se capacitarem em Educação Sexual. Mello (2005) comenta que um dos

caminhos para implementar mudanças na prática educativa é formar um "profissional reflexivo", capaz de refletir sobre sua própria ação, cuja atuação seja ao mesmo tempo inteligente e flexível. Nesse viés, o professor estaria capacitado para refletir sobre as situações emergentes, sobre a sexualidade em sala de aula.

Ainda falando das dificuldades apontadas pelos professores, vários admitiram sua incapacidade em dialogar com os alunos sobre o tema da sexualidade, por causa da linguagem coloquial e às vezes "vulgar" que os alunos usam.

(...) É, então, tem alguns termos, assim usados vulgarmente, que o pessoal usa, que nós professores temos dificuldades de saber o que é. E às vezes tão fortes que chegam a constranger (PROFESSORA B, de Matemática).

Então a minha vizinha fez esses cursos junto da Psicologia na UEL, então são usados todos os termos, né. E eles ensinam todos esses termos que a gente não conhece, que alguns alunos usam lá na periferia. Agora, por exemplo, eu teria que ter uma base para poder trabalhar junto com vocês. Pois eu acho que é válida sim a área de matemática trabalhar junto com vocês na Educação Sexual (PROFESSORA B, de Matemática).

Alguns termos que os alunos dizem eu nem entendo... (PROFESSORA K).

3.4.2 Dificuldades dos professores para abordar o tema devido à interferência da religião e de outras crenças a respeito da sexualidade humana

A religião, conforme Pinto (2004), é um conjunto de normas, ritos, dogmas, liturgias e instituições que nos fazem ter uma idéia da relação com o sobrenatural, da qual tantos falam e tão poucos podem provar que existe. O autor considera que existe uma tendência de se menosprezar o papel da Educação Sexual, o que acaba por gerar um certo esvaziamento dos debates acerca do tema e a possibilidade da manutenção de um *status* que não facilita o crescimento humano e a autonomia das pessoas no que diz respeito à sexualidade.

... as relações entre a sexualidade humana e a religião se dão através de duas vias, uma que fala dos mistérios associados à sexualidade e à religião e outra que trata da função socializadora da religião. Uma, a primeira via, se aproxima mais da questão do sentido da vida, dos 'para que' da existência humana; a outra fica mais perto da questão da explicação do mundo, na qual se incluem os 'como' da vida, isto é, como deve ser exercida a graça da vida, mais especificadamente, no caso, como deve ser exercida a sexualidade humana. A maneira como essas duas funções da religião vão ser cumpridas, as leis que vão ser levadas a sério e as que não vão, o que virá depois da morte e o que houve antes do nascimento, a própria face de Deus ou dos deuses, tudo isso vai depender da religião e da organização religiosa (PINTO, 2004).

As crenças religiosas muito interferem no trabalho e no desenvolvimento do discurso sobre a sexualidade. Isso reflete tanto na vida de muitos professores que não conseguem realizar um trabalho de Educação Sexual, quanto na vida de muitos alunos que não vivenciam uma sexualidade plena por desenvolverem conflitos de influências religiosas.

A igreja prega muita coisa que não se considera normal dentro de uma educação sexual (PROFESSORA E).

Viver uma sexualidade plena não quer dizer que os indivíduos devam estabelecer relações sexuais ativas, mas sim uma natural vivência da sexualidade como um todo. Como vimos, a sexualidade está expressa no modo de andar, de vestir, de falar, de se comportar, como também de se relacionar socialmente com os amigos, com os colegas de classe, com os professores e com os familiares.

A igreja, e são quase todas elas, muitas vezes, não passa uma idéia boa da sexualidade (PROFESSORA E).

Quando a construção da sexualidade é abalada por motivos às vezes religiosos, podemos admitir que ela é castrada de tal modo que fica impedido o seu desenvolvimento no educando. Isso também pode ter ocorrido com os professores que não desejam se envolver com um trabalho voltado para a Educação Sexual. Vejamos o que diz a professora H:

Ah, sabe, por mais que eu tenha que trabalhar certos assuntos de sexualidade, sei que não sou a melhor pessoa, pois eu tenho os meus princípios religiosos e eu com certeza não deixarei de impor muita coisa do que eu penso para os meus alunos... Pois tem muita coisa errada, que a gente sabe... (PROFESSORA H)

Apesar de reconhecer a importância do ensino de sexualidade, a professora H se abstém da responsabilidade que lhe é dada, abdicando de discutir um assunto que influencia o desenvolvimento e a formação dos seus alunos. Se, por um lado, ela tem consciência de que sua crença religiosa interferiria no desenvolvimento de trabalhos a respeito de sexualidade com seus alunos, por outro

lado, a decisão de não tocar no assunto em sala de aula tem influência direta de uma crença ou de um dogma religioso que afeta apenas a professora.

A professora H reconhece a sua limitação para desenvolver os conteúdos da sexualidade, mesmo porque ela restringe a Educação Sexual a uma abordagem fundamentalmente religiosa. Consideramos que a abordagem religiosa é um dos aspectos possíveis para dar sentido à sexualidade do indivíduo, mas é apenas um deles, entre tantos outros de ordem social, cultural, psicológica e biológica que influenciam a construção da sexualidade.

3.4.3 Dificuldades dos professores em desenvolver a temática da sexualidade em sala de aula por receio da reação dos pais dos alunos

Em pesquisa realizada pela DataFolha e publicada no jornal Folha de São Paulo em junho de 1993 constatou-se que a maioria dos pais admite a importância da formação sexual para crianças e jovens em desenvolvimento. A criança informada tem melhor capacidade de adaptação em questões que serão vividas nas suas relações interpessoais. Entretanto, a influência dos pais na construção da sexualidade dos filhos é tão significativa que pode se sentir ameaçada por qualquer interferência advinda da educação escolar:

Uns têm pai e mãe que têm uma leitura de vida e outros têm outra. Então, muitas vezes, para não gerar o problema com eles e com família, eu prefiro

não abordar, e quando é abordado, direcionar da melhor maneira possível para que se encerre ali (PROFESSORA G).

A autora da fala demonstra receio em se indispor diante dos valores morais das famílias dos alunos. Há uma grande diversidade de posições das famílias frente à formação da sexualidade dos filhos. A atitude dos pais pode ir do diálogo aberto, franco e freqüente sobre sexo com os filhos até a total proibição de se tocar no assunto em casa. Os professores temem estabelecer um diálogo franco com os alunos sobre sexo, pois isso que poderia incomodar os pais. Prossegue a professora G:

(...) por mais certo que você fala, o aluno chega em casa e diz: ‘Ah, a professora falou isso’, e aí vai do entendimento que essa mãe dá.

O receio da professora pela reação dos pais dos alunos se configura quando ela diz “...e aí vai do entendimento que essa mãe dá”. Como ela não sabe o que os pais pensam de sexo, fica insegura para participar de um trabalho integrado dos professores com seus alunos.

Essa situação foi detectada entre outros professores também, como nesta fala:

Sim, já até trabalhei com Educação Sexual, mas, sabe, é uma faca de dois gumes, tem pai que não aceita. Tem pais que falam que quando a gente fica falando de sexo na sala de aula, incentiva alguns alunos, que ficam mais curiosos pelo sexo (PROFESSORA F).

Muitos pais têm grandes dificuldades em aceitar um trabalho de Educação Sexual na escola por medo de que seus filhos, com as informações e esclarecimentos prestados pelos professores, iniciem uma vida sexual precoce. Neste estudo, identificamos um confronto velado entre os professores e os pais, no qual os pais dos alunos parecem querer decidir o que os professores devem fazer, no que tange à sexualidade, dentro da sala de aula.

Consideramos que não é negando informações sobre sexo que temos a garantia de que o jovem não irá iniciar a sua vida sexual mais cedo. Do mesmo modo, não é transmitindo informações sobre sexo que o jovem se torna vulnerável para iniciar relações sexuais prematuramente. Existe consenso entre os especialistas quanto ao fato de que as informações são necessárias para fornecer elementos para o indivíduo tomar decisões frente à construção da sua sexualidade.

Agora também tem os pais que até agradecem quando trabalhamos Educação Sexual, outros que até pedem, então fica difícil para a gente... (PROFESSORA F).

Vê-se, pela fala da professora F, que alguns pais de alunos querem compartilhar a responsabilidade da educação de seus filhos com os professores. Mesmo com a discordância de muitos pais em relação à discussão sobre a sexualidade humana em sala de aula, alguns consideram que o professor é o mais indicado para desenvolver esse tema com seus filhos.

3.4.4 Dificuldades dos professores em abordar o tema da sexualidade por receio das reações negativas dos colegas professores e dos alunos e de que as atividades desenvolvidas percam o “status” de aula

Muitos dos professores da nossa amostra têm receio em abordar o tema da sexualidade na escola. Além dos motivos já citados, os professores se preocupam, principalmente, com os comentários que possam surgir entre os alunos e os colegas de trabalho.

Se a gente ficar falando muito sobre o assunto, vão dizer que a gente tá enrolando a aula (PROFESSORA A).

Para evitar constrangimentos, é importante que os professores discutam regularmente sobre o trabalho que realizam com os temas transversais. Isso pode evitar repetições e pode incentivar o envolvimento de outros professores. Silva (2002b) ressalta que um bom trabalho de Educação Sexual deve envolver toda a comunidade escolar.

Os professores queixam que não há incentivo, por parte das escolas, para desenvolver a Educação Sexual em suas aulas. Iniciativas nesse sentido parecem não ser bem-vindas na escola, sendo olhadas como uma atividade “menor”, sem importância para a formação dos alunos.

É notória a dificuldade dos professores em se envolverem com a temática da sexualidade. Repare na fala da professora E:

Eu faço sim, textos que possibilitem uma interpretação, uma coisa assim, mas sempre tentando direcionar, mais pro lado sentimental, e não deixando muito a eles esse lado de expor o que pensam, por lidar com certas dificuldades de lidar com o tema, já que eles têm pai e mãe, e são crianças ainda e, de repente, você aborda um tema que não... Aí vão dizer o quê? Que essa professora está inventado na aula dela... Então eu prefiro levar a coisa mais light, para não... (PROFESSORA E).

A professora de Português que trabalha Educação Sexual com seus alunos não aborda aspectos biológicos da sexualidade, mas prefere se abster de muitos assuntos polêmicos e outros que possam contribuir para qualquer desavença com pais, alunos e com a própria escola. Por isso ela direciona seu trabalho ao aspecto sentimental: amor, paixão, gostar, etc.

(...) podem surgir comentários até entre outros professores, na escola e até com os alunos que a gente só fica falando disso pra não dar aula, pra enrolar... (PROFESSORA E).

De fato, a professora fica insegura ao lidar com o tema, declarando os seus motivos: o que os pais podem pensar e como as crianças podem interpretar o assunto. Para resolver esses problemas, ela não permite seus alunos expressem o que pensam. Por essa razão, podemos dizer que o trabalho da professora não é abrangente, já que a complexidade da sexualidade é muito maior do que o seu aspecto meramente sentimental.

3.4.5 Dificuldades dos professores em desenvolver o tema da sexualidade devido à interferência de tabus, preconceitos e pensamento do senso comum

Inicialmente, deve-se ponderar sobre os tabus que ainda estão presentes nas relações sociais que se estabelecem dentro e fora da escola.

Os tabus estão presentes em nossas vidas, fazem parte do contexto cultural. A sexualidade, infelizmente, está repleta de tabus e preconceitos: Mitos e tabus fazem parte da representação social que os indivíduos de um grupo ou sociedade têm a respeito de algum assunto. Representação social pode ser definida como a visão de mundo das pessoas de um grupo; assim sendo, diferentes grupos possuem diferentes representações (VACCARI, 2005).

Eu digo a verdade para as alunas, que elas devem se guardar e não deixarem margem para que os meninos aproveitam delas... que as coisas devem ser feitas no tempo certo.... e para isso existe o casamento.... é assim que se conquista o respeito (PROFESSORA O).

Para Rabelo (2002, p. 56):

A virgindade é um tabu existente na sociedade ocidental. Sua origem está ligada à ascensão da Igreja Católica, que precisava de uma forma de obter controle populacional em geral, e para evitar que a criação de filhos órfãos não recaísse na responsabilidade (financeira, moral, intelectual, etc.) da Igreja e/ou do Estado.

Já os preconceitos representam uma categoria de conceitos com expressão marcante em nossa vida diária, que praticamos habitualmente, mesmo sem ter consciência. Os preconceitos talvez surjam pelo fato de nossa vida cotidiana necessitar de respostas imediatas e práticas, de estar firmada em motivações para o momento e de não dispormos de muito tempo para raciocínios. Assim, temos por hábito rotular tudo e todos, associando-os com uma marca (estigma) de fácil identificação. Dessa forma, o nosso dia-a-dia torna-se um terreno fértil para a

produção de todo tipo de julgamentos pré-formados, ou seja, de uma vida de preconceitos.

O preconceito é o conceito ou opinião formada antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos; idéia preconcebida; julgamento ou opinião formada sem se levar em conta o fato que os conteste; pode ser refutado pela ciência e por uma experiência cuidadosamente analisada, mas se conserva inabalável contra todos os argumentos da razão (FERREIRA, 2002).

Para Jaspers (1979, p. 70):

Quando compreendemos algo, já temos o princípio que possibilita e constitui nossa compreensão. Caso este princípio prejudique a compreensão verdadeira, falamos de preconceito; caso favoreça e promova a compreensão, chamamos de pressuposição. [...] Como fonte de preconceito, há a tendência de concepção uniforme do todo, que se satisfaz com idéias básicas simples e conclusivas, induzindo à simplificação de pontos de vista, métodos e categorias, e também gerando confusão entre possibilidade de saber e certeza do conhecimento. É essencial dissipá-los, e para isso torna-se necessário conhecê-los”.

Um dos temas da sexualidade que mais nos intrigou foi a questão da homossexualidade. A sociedade ainda apresenta o discurso do senso comum para a homossexualidade e isso não é diferente com os professores. Encontramos professores que muito desconhecem sobre a homossexualidade. Vejamos o que diz a professora D:

Outro dia aconteceu, uma menina chegou assim num menino e perguntou, não vou citar nomes, mas perguntou assim: “Oh, fulano, você é viado?” Perguntou pro menino. Um menino da 6ª série. Ele ficou vermelho, e ele mudou de assunto na hora, mas ele não respondeu nem sim e nem não... Aí, aí eu até pensei e falei: ‘Como é que você teve essa coragem de fazer uma pergunta dessa pro menino? E deixou ele encabulado.’ Ela disse: ‘Eu faço essa pergunta pra todo

‘mundo que eu acho que é viado.’ Porque, sabe, acho que é porque o menino fala assim meio fino, não gosta de jogar futebol, só quer jogar no meio das meninas e nem é por isso que ele é viado, pois ele é um menino que a gente vê, ele é muito inteligente, bonito e ele gosta de jogar vôlei, e porque ele gosta de jogar vôlei, ele não é viado, é o jeito dele. Ele é um menino assim que os pais tratam ele com muito respeito, ele é um rapaz super educado, e por isso as meninas acham que ele é viado (PROFESSORA D).

Neste caso, vemos claramente um discurso do senso comum, ou talvez um discurso particular enraizado na professora D com relação à homossexualidade. Para ela, o menino não poderia ser homossexual por se tratar de um menino bonito, super educado, tratado pelos pais com todo o respeito. Analisando a fala, podemos entender que a professora acredita que um garoto educado e bonito e com uma boa relação com os pais não poderia ser homossexual. É muito claro que a professora pouco sabe em relação à homossexualidade.

A homossexualidade é um tabu que se apresenta até mesmo anterior à nossa moral cristã, mesmo sendo aceita na sociedade grega, ela vinha envolvida de preconceitos, desqualificações e reações negativas por parte da população (RABELO, 2002).

No campo da história da sexualidade, as concepções associadas à homossexualidade de forma geral sempre tiveram uma relação negativa com as pessoas, fato considerado por Foucault:

Nos textos do Século XIX existe um perfil-tipo do homossexual ou do invertido: seus gestos, sua postura, a maneira pela qual ele se enfeita, seu coquetismo, como também a forma e as expressões de seu rosto, sua anatomia, a morfologia feminina de todo o seu corpo fazem, regularmente, parte dessa descrição desqualificadora, a qual se refere, ao mesmo tempo,

ao tema, de uma inversão dos papéis sexuais e ao princípio de um estigma natural dessa ofensa à natureza; seria de acreditar-se, diziam, que “a própria natureza se fez cúmplice da mentira sexual”. (...) O domínio dos amores masculinos pôde muito bem ser “livre” na Antiguidade grega, em todo caso, bem mais do que o foi nas sociedades européias modernas; não resta dúvida, entretanto, que bem cedo se vê marcar intensas reações negativas e formas de desqualificação que se prolongarão por muito tempo (FOUCAULT, 1994, p.21-22).

Vejamos um segundo depoimento, em outro momento, com a mesma professora D:

Ah, tive problemas nesse começo de ano, que foi com alunas da 8ª série, em relação às lésbicas. É que o ano passado, com a morte da Cássia Eller, elas copiaram lencinho e copiaram comportamento e começou o ano passado este problema aqui dentro do colégio, sabe, de meninas assediando outras dentro do banheiro, de dar beijinho na frente, inclusive aqui na quadra se beijando. Aí nós chamamos os pais e abrimos o jogo. E esse ano diminui porque nós separamos a sala, e a gente estava naquele esquema de manhã, pra sair da sala tem o passaporte, e aí elas não têm muita chance pra fazer isso, e o ano passado era assim, elas faziam isto em sala de aula. Ficavam aqui de beijinho. Tinha que ficar pedindo, por favor, não exagere... e quando qualquer um dizia alguma coisa elas respondiam: vocês têm alguma coisa contra a minha opção sexual? E eu dizia, eu não tenho nada contra, mas aqui dentro vocês vão se comportar normalmente. Eu percebi isso, esse ano já tiraram os lencinhos, sabe aquele tipo da Cássia de falar, de se comportar, é assim. Eu tive meninas de 7ª série e quando começou no primeiro ano é que uma delas se tornou outra pessoa, você não conhecia ela, ela mudou completamente. O pior de tudo isso, e que nós percebemos no final do ano, é que ela estava indo para as drogas... É onde uma coisa levou à outra. É o comportamento, elas estão copiando da televisão. Lesbianismo é um desvio de comportamento, e não é uma cópia do que a mídia apresenta. Para a mídia, foi

normal a Maria Eugênia ser mulher da Cássia. E isso é um desvio para o jovem, pensa bem, é uma menina de 8ª série, ela vai para esse lado sem conhecer o sexo masculino, ela foi levada por um grupo de amigos, né, além do exemplo que tem na mídia. Tem a outra com aquele jeitão de se vestir, você sabe, que para o adolescente os amigos são tudo... Ele renega até a família, mas o amigo naquele momento da vida e os mitos da televisão são tudo. Então, porque a amiguinha usava e se portava daquele jeito, a outra ia junto. E no começo eram 2, depois 3, e foi crescendo e ficou enorme (PROFESSORA D).

Influenciada pelo discurso particular, talvez do senso comum, a professora aborda o tema da homossexualidade dando forte ênfase aos tabus ligados à sexualidade humana. Desde o início de sua narração sobre o acontecimento registrado na escola, a professora trata a homossexualidade como um problema.

Para falar de homossexualidade, é necessário antes ter noção de sexualidade. O conceito de sexualidade, como já mostramos, é complexo, pois envolve fatores como comportamento, o ato sexual em si, noções do que seja masculino e feminino. Assim, a sexualidade é formada por um conjunto de fatores biológicos, psicológicos e sociais.

O sexo biológico não define a orientação sexual, não define para qual sexo está dirigido o desejo do indivíduo em estabelecer um relacionamento sexual e amoroso.

Para a professora D, as alunas homossexuais só estão imitando alguém que usam como referência para se vestir e se comportar, enquanto buscam

uma parceira sexual. Assim, segundo ela, a homossexualidade é um comportamento que se copia, em geral sob influência externa: de amigos, da mídia e de celebridades.

De acordo com Isay (1998, p. 112):

[...] das várias tarefas a serem cumpridas durante a adolescência, uma das mais importantes é a consolidação de uma identidade sexual. O adolescente homossexual entra neste período com uma sobrecarga maior do que os adolescentes heterossexuais, pois já se percebem diferentes e em algumas situações se sentem rejeitados, o que pode levá-los a desenvolver um padrão de comportamento evitativo ou introvertido. Outra consequência possível desta situação é a tentativa de negar a homossexualidade, procurando manter um comportamento heterossexual. Soma-se, ainda, a estes pensamentos e sentimentos (comportamentos encobertos) sobre a homossexualidade, o fato de que os adolescentes têm poucos modelos homossexuais com os quais possam se identificar, de forma a ter modelos de comportamentos adequados ou possíveis de serem administrados.

Diante disso, podemos considerar que as garotas referidas pela professora podem estar procurando modelos homossexuais para se identificar, mas não estão copiando simplesmente pelo fato de estar havendo uma influencia comportamental sobre as garotas do colégio.

Na entrevista, a professora D relata ainda que, como consequência do episódio narrado, ela solicitou a presença dos pais das adolescentes e contou-lhes o que estava acontecendo na escola. É mais uma demonstração de que, para ela, existe na homossexualidade algo de muito “errado e feio”, contra o que alguma atitude precisa ser tomada.

A professora chega mesmo a acreditar que, tendo sido tomadas atitudes como chamar os pais, separar as alunas em duas salas de aula, criar um “passaporte” para autorizar a saída da sala de aula e controlar o movimento das garotas, a homossexualidade feminina diminuiu na escola. Influenciada pela

experiência de sua própria construção da sexualidade, a professora retoma os valores tradicionais como uma manifestação que para muitos podem ser considerados como uma repressão social.

A repressão social tornou-se, assim, fator determinante, na ótica da professora, para inibir futuros comportamentos semelhantes ao das garotas; no entanto, isso não significa que a orientação sexual das envolvidas e de qualquer outro aluno tenha sido modificada (LOURO, 2004).

Ainda assim, a professora D convence-se de que não é portadora de preconceito, apenas não pode admitir tal “comportamento anormal” no ambiente escolar, alegando que a homossexualidade leva os jovens ao uso de drogas entorpecentes.

Assim, podemos considerar que a homossexualidade é uma grande questão social relevante. A disputa, como também podemos observar pela professora D, *“centra-se fundamentalmente em seu significado moral. Enquanto alguns assinalam o caráter desviante, a anormalidade ou a inferioridade do homossexual, outros proclamam a sua normalidade e a sua naturalidade – mas todos parecem estar de acordo de que se trata de um ‘tipo’ humano distinto”* (LOURO, 2004, p.30).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste trabalho foi investigar a prática dos professores em sala de aula, no ensino da Educação Sexual, e refletir sobre as dificuldades que esses professores encontram para tratar da sexualidade como tema transversal nos currículos escolares.

Foram identificadas várias possíveis tendências pedagógicas dos professores ao abordar o tema da sexualidade em sala de aula. Nesse aspecto, podemos considerar que:

1. Os 22 professores da amostra admitem que a sexualidade é um tema transversal de grande demanda social; entretanto, 25% deles sugerem a inserção de profissionais especializados (psicólogos, médicos, terapeutas sexuais) nas práticas escolares a respeito desse tema; 40% preferem que a sexualidade humana seja tratada pelos professores da disciplina de Ciências; e 35% concordam que a transversalidade do tema implica em responsabilizar todos os professores, das diferentes áreas, pela abordagem da Educação Sexual, e não apenas os professores de Ciências.

2. Mesmo os professores de Ciências (quatro dos sete entrevistados) encaram a Educação Sexual sob um enfoque estritamente biológico, adotando uma perspectiva predominantemente fisiológica ao abordar a sexualidade. Restringem, dessa forma, a sexualidade à biologia da reprodução humana. Tal abordagem explica por que os assuntos mais trabalhados em sala de aula são os órgãos reprodutores e os hormônios

sexuais e justifica a posição dos que defendem que Educação Sexual seja dada apenas por professores de Ciências.

3. A idéia de que a biologia é o aspecto central da sexualidade também está disseminada entre os professores de outras áreas do conhecimento (Matemática, Português, História, Geografia, Artes, Educação Física etc.), que preferem direcionar o assunto para o professor de Ciências. Justificam, assim, a ausência do tema do currículo com que trabalham. Na nossa ótica, isso se dá devido à falta de compreensão, por parte desses professores, da complexa rede que estabelece associações entre diversas áreas (biologia, psicologia e o social) na formação da sexualidade humana. Assim, justificam a ausência de um trabalho interdisciplinar no campo da Educação Sexual. Notamos que a ênfase biológica é uma tendência na prática pedagógica dos professores das áreas de humanas e exatas do Ensino Fundamental, como também em professores de Ciências. No entanto, sabemos que, em se tratando de educar para a sexualidade, ensinar o funcionamento do aparelho reprodutor é necessário, mas não suficiente; como já dissemos, a sexualidade humana tem, entre outras, três relevantes dimensões: a biológica, a psicológica e a social.

4. Os professores apontam dificuldades de toda natureza para justificar a inexistência de um trabalho educacional adequado a respeito da sexualidade humana no contexto escolar. Tal fato, infelizmente, impede que o aluno receba subsídios para construir sua própria consciência sexual com base no senso crítico.

Essa análise qualitativa indica a maneira superficial que temos tratados as questões da Educação Sexual na escola. Destacamos que as falas dos professores apresentam conflitos internos que não foram analisados neste trabalho. De maneira ainda tímida, as memórias destacam o papel da mediação do professor e da interação entre estes para a construção de uma “sexualidade educada” na formação dos alunos como futuros cidadãos críticos e conscientes.

Uma reflexão sobre “habilidades e competências” (c.f. PCNs) dos professores diante de tal fato se faz necessária: será que os professores da educação básica estão preparados para tratar dos temas transversais, como a Educação Sexual? Como podemos confiar o ensino de Educação Sexual para os nossos jovens, nossos futuros cidadãos, a pessoas que expressam preconceitos e tabus oriundos de uma educação conservadora?

Para a realização de um trabalho efetivo de Educação Sexual, faz-se necessária uma ampla discussão em torno da sexualidade de um modo geral, objetivando eliminar preconceitos arraigados na mentalidade de nossos educadores; a imparcialidade e a neutralidade (c.f. Lacey, 2002) devem estar presentes na prática docente, caracterizando a abordagem da temática sexual na educação básica.

É consenso, hoje, nas ciências que lidam com o comportamento humano, que não existem verdades únicas para explicar determinado fenômeno. Essa visão tem colaborado para eliminar posições preconceituosas em relação a etnias e à orientação sexual do desejo.

Os professores, como os profissionais de outras áreas, são indivíduos que recebem uma determinada formação, mas têm conceitos e valores individuais, que não são comuns a todos. Essas divergências, às vezes, podem ser tão nítidas e acentuadas que levam a conflitos.

Em se tratando de um tema como a sexualidade humana, as diferenças de visão entre os educandos de uma sala de aula são ilimitadas. Isso determina que, em vários outros aspectos, a heterogeneidade entre os alunos em sala de aula espelha a pluralidade cultural existente dentro de uma geração.

Até mesmo entre os professores entrevistados em nossa pesquisa, encontramos diferenças na expressão da sua sexualidade. Em alguns assuntos, as diferenças de opiniões e concepções eram evidentes.

Muitos professores não estão preparados para oferecer a seus alunos uma Educação Sexual plena, livre de tabus e de valores. Alguns dizem que devem esclarecer os seus alunos sobre certos temas, mas não permitem que eles procurem uma compreensão clara para que, de forma autônoma, construam suas opiniões. Isso fica claro quando a professora D opina sobre o “ideal” de relacionamento para seus alunos:

Eles falam muito de ficar, sobre os relacionamentos deles que eles vivem por aí, e eles falam e eles vão se desabafando, contando para o professor o que está acontecendo com eles, o que eles não têm coragem de falar em casa. E daí eles perguntam para o professor como é que era, eh... eu posso fazer isso? O que, que você acha? Então a gente vai encaminhando eles pra coisa certa, porque eu sou contra o aluno adolescente ficar, e eu falo para eles que não existe ficar.

Porque você acha que você deve ter uma conversa com o colega, pra ver se você tá querendo namorar o rapaz, não chega assim e fala: 'Ah, eu estou a fim de ficar'. Vamos conhecer essa pessoa realmente, e depois vamos tentar ver se você gosta realmente daquela pessoa, se aquela pessoa se entrosa realmente com você pra poder namorar. Primeiro você precisa conhecer pra poder... é isso que eu passo pra eles..

O que significa “encaminhar os alunos para coisa certa?” O que é certo para a professora é adequado ao seu próprio modo de vida, à sua formação, que pode ser até muitas vezes repleto de tabus. Será que aquele conceito, muitas vezes imposto, pode ajudar o seu aluno a se esclarecer?

Na realidade, os professores devem se conscientizar de que eles deveriam estudar a sexualidade humana, para conseguir propor um mundo mais justo aos nossos futuros cidadãos, dando aos seus alunos uma oportunidade que talvez muitos professores nem tenham tido, melhorando a qualidade de vida de seus alunos que terão uma Educação Sexual livre de qualquer preconceito e tabu. Para Figueiró (1999, p.56), *“a Educação Sexual deve formar indivíduos autônomos, tanto moral quanto intelectualmente”*.

A grande maioria dos professores justifica o seu despreparo para discutir a temática da sexualidade humana em sala de aula com o argumento de que não foram capacitados durante a formação Inicial nos seus respectivos cursos de graduação.

O momento exige reflexão a respeito da formação de professores. Tal formação não pode se limitar às questões teóricas, técnicas ou organizacionais. É

preciso considerar os objetivos educacionais relativos à construção de valores sociais, buscando caracterizar a natureza da Educação Sexual e suas contribuições para o aperfeiçoamento da cidadania.

O desafio para a formação sexual dos educandos deve inspirar os professores a estabelecer estratégias de intercâmbio com outros profissionais, aproveitar outras experiências que os ajudem a ter compreensão do processo no qual estão imersos. Se os professores incentivarem uns aos outros, através da troca de experiências, isso diminuirá a resistência de alguns em desenvolver a temática da sexualidade, mesmo diante do risco de conflitos com os pais dos alunos.

Os professores devem estar cientes de que estão pautados pelos PCNs e pela Lei de Diretrizes e Bases para a realização do trabalho de Educação Sexual. O que não deveria acontecer é que a preocupação diante das dúvidas dos pais interfira no desenvolvimento cognitivo dentro da sala de aula. Os professores devem estar preparados para tais críticas e não deixar que tais perturbações interrompam o processo do ensino da sexualidade humana nas escolas.

Podemos considerar que todos nós somos educadores sexuais, mesmo que não tenhamos consciência disso – pais, professores e qualquer adulto que esteja presente na formação do educando enquanto se processa a construção de suas idéias, seus valores, sentimentos e do seu crescimento pessoal. Os professores, por estarem presentes grande parte do tempo com seus alunos, acabam tendo maior relação pessoal com os estudantes, transmitindo seus valores e idéias quanto à sexualidade, seja pelo tratamento que dispensam aos seus alunos, seja pela sua maneira de ser, de se vestir, de agir, ou pelo que representam no plano familiar e social.

Temos que oferecer novos materiais de referência, sugestões de metodologias e recursos de ensino adequados, numa tentativa de reeducar os educadores responsáveis pelos nossos futuros cidadãos, que estão sedentos e desejosos de se realizarem em suas vidas.

Muito além de auxiliar na reeducação dos problemas sociais graves, tais como gravidez precoce e/ou indesejada e de contaminação das DST e AIDS, a Educação Sexual deve ser realizada a fim de contribuir para o desenvolvimento integral da personalidade do educando, e conseqüentemente para sua qualidade de vida (PCN-2001).

Esperamos que este estudo auxilie na reflexão sobre a formação dos professores de Ciências do Ensino Fundamental como Educadores Sexuais, a questão da biologização da sexualidade, a opinião dos professores diante da sexualidade como um tema transversal proposto a todos os educadores, a questão das resistências de todos os figurantes diante das atividades escolares, os conhecimentos científicos em relação à temática da sexualidade humana, e por fim, como envolver toda a comunidade escolar na participação de um projeto sobre sexualidade.

Que estas reflexões oportunizem aos acadêmicos (professores) em formação inicial uma cultura profissional que possa melhorar sua prática educativa, e aos professores que desenvolvam cursos, atualizando-se nos estudos em formação continuada. Que os nossos professores guardem uma formação reflexiva sobre a sexualidade humana, para que possam obter competências e habilidades no desenvolvimento da Educação Sexual na escola, posicionando-se para ajudar e aprender.

Acreditamos que os professores, tendo oportunidades de acesso a essas referências, adquirirão maior segurança para desenvolver a sua prática educativa. É nesse sentido que queremos contribuir com eles, para que possam influenciar seus alunos a terem um sentimento de satisfação em relação à sua sexualidade, pois o momento exige reflexão a respeito desse tema.

É ainda necessário que, no processo da discussão da Educação Sexual na escola, sejam exploradas a aprendizagem de metodologias capazes de priorizar a construção de estratégias de verificação e comprovação de hipóteses na construção do conhecimento no campo da Educação Sexual, a construção de argumentações capazes de controlar os resultados desse processo, o desenvolvimento de espírito crítico capaz de favorecer a compreensão dos limites e alcances lógicos das propostas abordadas e inseridas à Sexualidade Humana.

Além disso, é necessário ter em conta uma proposta de abordagem da Sexualidade Humana dentro da sala de aula que favoreça o crescimento crítico e a conscientização da necessidade da ampla e contínua Educação Sexual.

Nessa perspectiva, é essencial a vinculação da escola com as questões sociais e com os valores democráticos, não só do ponto de vista da seleção e tratamento dos conteúdos, mas também da própria organização escolar. Dessa maneira, a contínua realização de um projeto educativo em torno da sexualidade humana possibilita o conhecimento das ações desenvolvidas pelos diferentes professores, sendo base de diálogo para toda a comunidade escolar.

Com isso, os professores podem discutir uns com os outros as propostas da Educação Sexual na escola, podendo juntos definir e distribuir as

responsabilidades do ensino dos vários aspectos na sexualidade humana, evitando cair no “mesmismo”.

Na verdade, esse “projeto deve ser entendido como um processo que inclui a formulação de metas e ensinamentos, segundo a particularidade de cada escola, por meio da criação e da valorização de rotinas de trabalho pedagógico em grupo e da co-responsabilidade de todos os membros da comunidade escolar, para além do planejamento de início de ano ou dos períodos de ‘reciclagem’” (PCN, 2001 p.48).

Deve-se ressaltar que uma prática reflexiva e coletiva dos professores é essencial para o desenvolvimento da Educação Sexual na escola. Não que isso se consiga rapidamente, pois sabemos que a realidade é complexa. Mas deve haver entre os professores das diversas áreas do conhecimento, uma interação para a construção de um bom trabalho de Educação Sexual.

Apesar disso, contrapondo com o que diz os PCNs, alguns professores discordam desse trabalho conjunto e outros rejeitam sua responsabilidade pela Educação Sexual dos seus alunos.

REFERÊNCIAS

BARRORO, Carmem; BRUSCHINI, Cristina. **Educação sexual: debate aberto**. São Paulo: Vozes, 1982.

_____. **Sexo e juventude: como discutir sexualidade em casa e na escola**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1985.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. v. 10.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros nacionais curriculares**. Brasília: A secretaria, 2001. v. 1.

CUNHA, Maria Carneiro da. **Comportamento sexual: a revolução que ficou no caminho**. São Paulo: Nobel, 1998.

DEL CLARO, Renata. Educação sexual nas escolas: uma discussão abrangente. **Educação & Família**, São Paulo, ano 1, n. 2, p. 18-24, 1999.

DRIVER, Rosalind et al. **Construindo conhecimento científico na sala de aula**. Disponível em: < <http://sbqensino.foco.fae.ufmg.br/uploads/541/aluno.pdf>>. Acesso em: 5 dez. 2004.

EGYTO, Antônio Carlos (Org.). **Orientação sexual na escola: um projeto apaixonante.** São Paulo: Cortez, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da língua portuguesa.** 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação sexual no Brasil: Estado da Arte de 1980 a 1993.** 1995. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. Educação sexual: problemas de conceituação e terminologias básicas adotadas na produção acadêmico-científica brasileira. **Semina: Ci. Soc. Hum., Londrina**, v. 17, n. 3, p. 286-293, set. 1996.

_____. **Educação sexual no dia-a-dia: 1ª coletânea.** Londrina: [s. n.], 1999.

_____. **Educação sexual: retomando uma proposta, um desafio.** 2. ed. Londrina: EDUEL, 2001.

FOUCAULT, Michael. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres.** Rio de Janeiro: Graal, 1994.

GOLDBERG, Maria Amélia Azevedo. **Educação sexual: uma proposta, um desafio.** 4.ed. São Paulo: Cortez, 1998.

GUIMARÃES, Isaura Rocha Figueiredo. **Educação sexual na escola: mito e realidade.** Campinas: Mercado de Letras, 1995.

GUIRADO, Marlene. Sexualidade, Isto é, Intimidade: redefinindo limites e alcances para a escola. In: AQUINO, Julio Groppa (Org.). **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**. Trad. Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 1998.

INÁCIO, Fábio Oliveira. **Educação em crise**. 2003. Disponível em: <<http://www.consciencia.net/2003/07/26/inacio.html>>. Acesso em: 27 fev. 2005.

ISAY, Richard A. **Tornar-se gay: o caminho da auto-aceitação**. São Paulo: Summus, 1998.

JASPERS, K. **Psicopatologia geral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 1979.

LORENCINI JUNIOR, Álvaro. Os sentidos da sexualidade: natureza, cultura e educação. In: AQUINO, Julio Groppa (Org.). **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. São Paulo: Vozes, 1997.

_____. Segredos e mentiras do currículo. In: SILVA, Luiz Heron da (Org.). **A escola cidadã no contexto da globalização**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens educativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, Júlio Cesar F. **Educação sexual: sexo com liberdade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MELLO, Guiomar Namó de. Formação Inicial de Professores para Educação Básica: uma revisão radical. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 98-110, jan./mar. 2000. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/Formacao_inicial_professores.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2005.

_____. **Ninguém facilita o desenvolvimento daquilo que não teve oportunidade de aprimorar em si mesmo.** Disponível em: www.crmariocovas.sp.gov.br/prf. Acesso em 29 de janeiro de 2005.

MELO, Sonia Maria Martins de. Contribuciones de un Centro de Ciências de la Educación al tema de la Educación Sexual: algunas reflexiones que hacen necesarias. **Revista Salud Sexual**, México, v. 2, n. 2, p. 23-28, abr./jun. 1999.

_____. **Corpos no espelho: a percepção da corporeidade em profissionais.** 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MORENO, J. L. **O teatro da espontaneidade.** Trad. Maria S. Mourão Neto. São Paulo: Summus, 1984.

NUNES, César Aparecido. **Desvendando a sexualidade.** Campinas, SP: Papyrus, 1987.

PAMPLONA, Ronaldo. **Os onze sexos: as múltiplas faces da sexualidade humana.** São Paulo: Agente, 1994.

PINTO, Ênio Brito. **Orientação sexual na escola: a importância da psicopedagogia nessa nova realidade.** São Paulo: Gente, 1999.

_____. **Educação sexual e religião.** 2000. Disponível em: <www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entreD=242>. Acesso em: 5 dezembro de 2004.

RABELO, Amanda Oliveira. **Os futuros professores e a sexualidade: concepções, preconceitos e atuação profissional.** 2002. Monografia (Docência do Ensino Superior) – UNIRIO, Rio de Janeiro.

RIBEIRO, Paula Regina Costa; SOUZA, Diogo Onofre. Falando com professores das séries iniciais do ensino fundamental sobre sexualidade na sala de aula: a presença do discurso biológico. **Ênseñanza de las Ciencias**, v. 21, n. 1, p. 67-75, 2003.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **Educação sexual além da informação.** São Paulo: EPU, 1990.

SAÚDEMAX. **A sexualidade humana.** 2004. Disponível em: <http://www.jornalexpress.com.br/noticias/detalhes.php?id_jornal=848&id_noticia=267>. Acesso em: 21 jan. 2005.

SAYÃO, Rosely. Saber o sexo? Os problemas da informação sexual e o papel da escola. In: AQUINO, Julio Groppa (Org.). **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Summus, 1997.

SAYÃO, Yara. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In: AQUINO, Julio Groppa (Org.). **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Summus, 1997.

_____. Educação sexual: instrumento de democratização ou de mais repressão?

Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 36, p. 99-110, fev. 1981.

_____. **Sexualidade, política e educação**. Campinas: Autores Associados, 1998.

SELKURT, Ewald E. **Fisiologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1979.

SILVA, Regina Célia Pinheiro da. **Pesquisas sobre formação de professores/educadores para abordagem da educação sexual na escola**. 2004.

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas, 2004.

SILVA, Ricardo de Castro e. **Orientação sexual**: possibilidade de mudança na escola. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002. (Coleção Dimensões da Sexualidade).

SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano. Sexo é coisa natural? A contribuição da psicanálise para o debate sexualidade escola. In: AQUINO, Julio Groppa (Org.).

Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997.

STOLLER, Robert. **Masculinidade e Feminilidade**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1993.

SUPLICY, Marta. **Conversando sobre sexo**. São Paulo: M. Suplicy, 1983.

_____. Educação e orientação sexual. In: RIBEIRO, Marcos (Org.). **Educação sexual**: novas idéias, novas conquistas. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1993.

_____. **Sexo para adolescentes**: orientação para educadores. São Paulo: FTD, 1998.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

VACCARI, Vera Lucia. **Mitos e tabus sobre sexualidade.** 2003. Disponível em: <http://www.veravaccari.psc.br/leiturareflexao_mitos.php>. Acesso em: 22 mar. 2005.

_____. **História da Sexualidade.** O uso dos Prazeres. 7 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1994.

WEREBE, Maria José Garcia. **A educação sexual na escola.** Lisboa: Moraes Editores, 1977.

